



a *sihona*

Dezembro de 1960

a liahona

DEZEMBRO DE 1960

VOL. XIV — N.º 12

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

VISITAS DAS AUTORIDADES GERAIS

Ezra Taft Benson	374
Joseph Fielding Smith	
A. Theodore Tuttle	
(Reservados para a edição especial da "A Liahona" no mês de Janeiro de 1961)	

EDITORIAL

Desenvolvimento pela Diligência, Presidente Asael T. Sorensen	368
---	-----

DE INTERESSE GERAL

Retrato do Homem de Galiléia, William J. Critchlow Jr.	369
O Espírito do natal, Presidente David O. McKay	370
O Toque de Midas, Sterling W. Sill	372
Alicerce para um Viver Honesto, Presidente J. Reuben Clark Jr.	376
Quem Justificaria "Um Pequeno Pecado"?, Elray L. Christiansen ..	378
Fé, Essa Conquistadora, James A. Little	380
O Fumo Arrolado como Causa	399

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do Pensamento, Spencer W. Kimball	367
A Igreja no Mundo	367
Sacerdócio nas Missões, Reativação	386
Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo, O tempo está Fugindo	388
Seu Ramo, Necrológio	389
Reminiscências	398

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Bangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — Arch J. Willis, Owen J. Stevens

Diretor Gerente:

Clarel Mafra dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras, Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

PREÇOS:

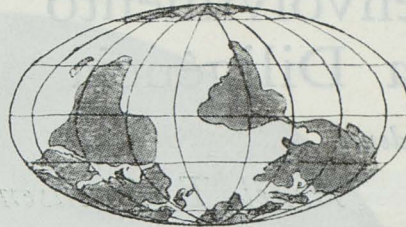
Exterior: Ano	US\$	3,50
No Brasil: Ano	Cr\$	150,00
Exemplar:	Cr\$	15,00

Missão Brasileira

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal 862 - S. Paulo - S.P. - Fone: 33-6761

Missão Brasileira do Sul

Rua Gen. Carneiro, 490 - C. Postal, 778 - Curitiba, Paraná - Fone: 4-8016



ACHEGUE-SE AOS UNGIDOS DO SENHOR

Excertos de uma alocução oferecida pelo Elder Spencer W. Kimball, do Conselho dos Doze durante a Conferência Geral, semi-anual, realizada em abril de 1951.

Em diversos locais, Paulo nos advertiu contra os enganadores que viriam mesmo antes de sua partida. E eles têm continuado a aparecer, estando entre nós hoje em dia. As autoridades que o Senhor colocou em sua Igreja constituem, para seu povo, um ancoradouro ou um lugar de refúgio.

Ninguém nesta Igreja, será jamais extraviado se se prender às autoridades que o Senhor colocou sobre ela. Nossa Igreja jamais se desviará, e o Quorum dos Doze nunca os conduzirá por invios caminhos; nunca o fez, nem o fará.

Alguns indivíduos poderiam falhar, mas nunca acontecerá que a maioria do Conselho dos Doze esteja do lado errado em qualquer ocasião. O Senhor os escolheu, e lhes tem dado responsabilidades específicas. Todas as pessoas que se juntarem a eles estarão em segurança. E, por outro lado, quando alguém começa a seguir seu próprio caminho em oposição à autoridade, está em sério perigo.

Eu não diria que os líderes que o Senhor escolhe são, necessariamente, os mais inteligentes, ou os mais treinados, mas são os escolhidos, e assim sendo, são a autoridade reconhecida do Senhor. As pessoas que permanecem a seu lado estão em segurança.

Lembro-me de que quando Moisés foi incumbido da tremenda responsabilidade de conduzir os filhos de Israel para fora do cativeiro, queixou-se ao Senhor dizendo, "Eu sou fraco, e sou pesado de bôca", e o Senhor lhe deu uma voz, o seu irmão Aarão. Entretanto, não o substituiu por aquela voz.

O Senhor está no leme... Ele continuará a estar ali, e sua obra irá avante. A questão é pois, se nós individualmente seguiremos ou não naquela mesma direção. A escolha é nossa, porque este é um Evangelho de trabalho pessoal.

ESCOLHIDOS TRÊS NOVOS ASSISTENTES AO QUORUM DOS DOZE

Na abertura da centésima trigésima conferência anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o Presidente David O. McKay anunciou a designação de mais três assistentes ao Conselho dos Doze Apóstolos.

Indicados pelo Presidente, e apoiados pela assembléia da conferência assumiram a posição: o Dr. Theodore M. Burton, professor de Química da Universidade de Utah e ex-presidente da Missão da Alemanha Ocidental; Franklin D. Richards, presidente da Missão Norte Ocidental dos Estados Unidos e ex-comissário assistente da Administração Federal de Moradias; e Nathan Eldon Tanner, homem de negócios no Canadá, executivo do petróleo, e ex-educador e legislador, sendo ainda presidente da Estaca de Calgary.

Com a designação desses três homens a Assistentes do Conselho dos Doze Apóstolos, o grupo conta agora com um número de 11 assistentes. O anúncio do Presidente McKay representou uma completa surpresa para os milhares de assistentes às sessões da conferência. Ele declarou à sua audiência que o acréscimo de mais três assistentes fez-se necessário para atender às necessidades do vertiginoso crescimento da Igreja.

O NOVO PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO EQUIPARA-SE AO CRESCIMENTO DA IGREJA

Um tremendo programa de construções foi inaugurado, para acompanhar o impressionante desenvolvimento da Igreja.

Dentre os projetos em planejamento destaca-se um edifício de 38 andares para escritório, o qual abrigará a escola missionária, escritórios do plano de construção, escritórios administrativos e outros departamentos auxiliares da Igreja.

Os projetos para o proposto edifício de 38 andares incluem também uma torre de observação no alto da estrutura de 150 m. O edifício requerirá a instalação de 20 elevadores e não incluirá as instalações dos escritórios das Autoridades Gerais que continuarão a utilizar o atual Edifício dos Escritórios da Igreja.

O novo edifício da administração proverá estacionamento subterrâneo para 2.000 carros.

Mais novas e funcionais instalações para o edifício do Apêndice do Templo de Salt Lake, com a maior parte de seus 8100 metros quadrados no sub-solo, virão a substituir o Apêndice atual.

Um novo edifício de arquivos, com 11 andares será ainda construído.

EDITORIAL

Desenvolvimento pela Diligência

Pelo Presidente

Asael T. Sorensen

da Missão Brasileira do Sul



Muitas vezes ouvimos alguém dizer: "Oh, se ao menos aquela pessoa estivesse aqui, para escutar esta mensagem! É exatamente o que ela precisa ouvir." Assim, não se dão conta de que a palavra falada é dirigida aos presentes e nunca aos que se acham ausentes. Nós dizemos crer no Espírito Santo. Ao serem oferecidas orações nas reuniões sacramentais ou conferências especiais, quem dirige as preces, sempre pede pelo "Espírito do Senhor", ou que o "Espírito Santo esteja com aqueles que vão usar da palavra." Então, quando os oradores tomam seus lugares e são inspirados pelo Espírito Santo, eles entregam a **mensagem mais adequada aos que estão presentes.**

A aceitação dessa mensagem e da instrução fornecida é o que todos devem compreender, pois apenas com a aplicação das instruções dadas sob a inspiração do Senhor somos capazes de nos desenvolver espiritualmente. Buscar a espiritualidade é imprescindível se queremos aplicar os princípios do Evangelho em nossas vidas diárias. Quando os homens se desviam desses princípios inspirados, passam a sofrer os males que provêm da cobiça, divergências, impurezas, trapagens e egoísmo. Todos levam à perdição.

Um homem de acentuada espiritualidade disse certa vez: "É curioso que no século vinte tenhamos que nos levantar para discutir

com pessoas que ouvem o nome de Cristo, a fim de afirmar que Ele não era um dirigente tolo e visionário; que não há segurança senão confiando n'Ele e seguindo-o; que Sua palavra é a palavra iluminada; que seu caminho é o caminho da vida. A Igreja deve se arrepender de sua fraqueza, repreendendo com ira profética o egoísmo dos homens e quebrando seu silêncio covarde, no afirmar ao mundo que "Nós vos havemos deixado levar vossos negócios pelos métodos pagãos e egoístas, até que chegastes à beira da ruína! Se não tratardes de cristianizar vossas instituições, elas não poderão durar!"

"Por tempo demasiado, vimos imaginando que os princípios de Cristo se destinassem a algum outro mundo, colocando o reino que Ele veio estabelecer para além das estrélas. Porém não era este o propósito de Sua missão; não é este o significado de Seu Evangelho. Suas leis devem ser seguidas no mundo em que vivemos, **agora e aqui**, na rua, no mercado e nas fábricas. Uma sociedade sem atritos somente pode existir baseada na obediência à lei moral do sermão da montanha, e na regra de ouro; e mais ainda, na aceitação sincera, de Deus como Pai, da fraternidade dos homens, e do amor sacrificado de Jesus Cristo."

Somos a "luz do mundo". Foi dada aos Santos dos Últimos Dias a grande bênção e dever de iluminar o caminho para que outros os pudessem seguir. Não podemos pensar em propagar essa luz, enquanto ela não arder brilhantemente em nossos corações. Quando formos à reunião sacramental levemos conosco o espírito de adoração, pondo em prática os conselhos do Senhor. Viva cada dia como se fosse o último de sua vida — como se nele tivesse de se apresentar perante o trono de Deus para prestar contas de seu valor como membro da Igreja. Se você guardar sempre este pensamento em sua consciência, ele o ajudará a levar uma vida mais perfeita e mais frutífera. Esta vida — sua vida — é preciosa. Faça-a preciosa para aqueles que o rodeiam e ela será preciosa perante o Senhor. Procure sobretudo a alegria de servir, não como um dever, mas como prova de seu amor ao próximo. Sinta que estando a serviço de seu próximo você está prestando serviços a Deus. Para arremeter o que o mencionado sábio disse sobre "cristianização do mundo," devemos primeiramente efetuar essa transformação em nossas vidas, em nossos lares — e então seremos capazes de estender as virtudes até os outros. Aplique os princípios restaurados do verdadeiro Evangelho em sua vida e você se tornará semelhante a Cristo.

RETRATO DO HOMEM DE GALILÉIA

William J. Critchlow, Jr.
Assistente do Conselho
dos Doze



Fazendo minha designação, dois anos atrás, o Presidente McKay deu-me a incumbência de “ser uma testemunha especial do nome de Cristo em todo o mundo.” Pretendo portanto preencher os minutos que me cabem, abordando o tópico sugerido por aquêlê encargo.

Em imaginação, retrocedi dentro do tempo através de uns dezenove séculos, até à Palestina, em procura do Homem de Galiléia, chamado Jesus. Pretendi que me encontrava na fabulosa cidade de Tibérius, nas praias do Mar da Galiléia, em cujo contôrno pude admirar milhares de palácios e residências elegantes, circundadas por vinhedos, palmeiras e ricos jardins, vibrantes de luxúria tropical.

Numa artéria quase deserta, surpreendi-me apreciando as tendas dos ricos mercadores e as especiarias expostas pelos negociantes orientais.

Abordando um mercador, inquiri se conhecia o paradeiro do Homem de Galiléia, chamado Jesus. Por um momento, êle apenas me fitou com espanto; depois disse, “De onde vens? Olha para estas ruas desertas. Há apenas alguns minutos êle passou por aqui, dirigindo-se para oeste, e todos os fregueses o seguiram. Eu também teria ido após êle se tivesse com quem deixar minha mercadoria.”

Alcancei a multidão antes que ela se agestasse numa pequena colina. Por fortuna, encontrei-me sentado bem ao lado dêle, e ainda reservando lugar para alguns de vocês que acaso quizessem penetrar comigo, nas asas da imaginação, dezenove séculos a dentro, pelas brumas do passado. Aviem-se. Êle está falando:

(continua na página 390)

Mensagem com um Desafio e uma Promessa

O ESPIRÍTO



o retôrno desta gloriosa estação, é importante recordar que o dia do Natal, que foi escolhido para celebrar o nascimento de Jesus o Cristo, é reconhecido como um dia que deveria "transformar tôda aflição em amor."

O perigo que aparece em nossas celebrações do Natal, é a possibilidade de que o real propósito da comemoração, o espiritual, seja obscurecido pelas coisas materiais. As hostes celestiais que louvaram a Deus e disseram: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para os homens", (Lucas 2:14) nos apresentam as seguintes noções fundamentais:

(1) Fé na divindade como a primeira coisa essencial para se obter felicidade e paz.

2) Amor fraternal como segunda condição pela qual esta felicidade e paz podem ser mantidas.

É próprio que no Natal renovemos nossos desejos e fortaleçamos nossa determinação de fazer todo o possível para que a mensagem dada pelos anjos no nascimento do Salvador se realize entre os homens. Glorifiquemos a Deus, procurando o Bom, o Verdadeiro e o Belo. Lutemos para estabelecer a paz na terra, exercitando uns para com os outros, a mesma boa vontade que Deus tem demonstrado para conosco.

Quando Ele veio como criancinha modesta, não havia lugar na hospedaria; hoje, cada coração e cada lar deveriam dar-lhe as boas vindas. Se fôsse assim, o egoísmo, os ciúmes, a inimizade e tôdas as coisas que trazem infelicidade seriam substituídas por amabilidade, serviço voluntário e boa vontade.

A fonte da felicidade está dentro de nossa alma, e do mesmo lugar brota a fé em Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Acalente pois cada

do Presidente David O. Mckay

DO NATAL

indivíduo, em seu próprio coração, o verdadeiro espírito do Natal, e deixe então que êle ilumine todo o seu lar. Mil lares assim fariam uma verdadeira cidade; mil cidades assim formariam uma verdadeira nação cristã.

O natal é uma ocasião dedicada a nos lembrarmos de Cristo; um dia para fortalecermos nossa fé, chegando mais perto do Pai do Menino de Belém.

Êle viveu por nós, para que pudéssemos viver também; morreu por nós, para que algum dia pudéssemos escapar aos laços do pecado e da morte, e nos mostrou o caminho que leva à presença daquele a quem orou na cruz, dizendo "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34)

Êle veio para nos dar vida eterna. Aceitemos sua dádiva com gratidão. Sem Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado, o mundo não poderia sobreviver. Portanto o verdadeiro espírito do Natal é o espírito de Cristo.

Sim, Jesus é o príncipe da paz, mas Êle não trará paz ao mundo por um passe de mágica. Como sempre tem feito, Êle sòmente a dará de acôrdo com a lei sob a qual ela, como tôdas as outras bênçãos, é declarada. Ódio gera ódio; amor cria amor; amabilidade convida a maior amabilidade, e a amabilidade e o amor geram a paz.

Quando a humanidade tiver aprendido esta simples lição, a paz virá a ela como consequência natural, e todo o interêsse de cupidez se desvanecerá. Os homens se olharão como irmãos, todos criados à imagem do Pai, e compreenderão que para amar a Deus, terão primeiro que amar a seu semelhante como a si mesmos.

O Toque de Midas

Por Sterling W. Sill
Assistente do Conselho dos Doze



Existe uma lenda interessante na mitologia da Grécia antiga, que relata a história de Midas, Rei do pequeno estado grego da Frígia. Uma divindade grega, Dionysus, satisfez o desejo do Rei Midas, de que todas as coisas em que ele tocasse se convertessem em ouro. Segundo a história o dom resultou nefasto, e quando até mesmo o alimento e a filha de Midas se transformaram em ouro, o rei foi forçado a suplicar a Dionysus que lhe retirasse aquela dádiva. Mas a idéia de Midas era muito boa, e se ele houvesse especificado apenas umas quantas exclusões, seu dom teria conseguido algo de maravilhoso. Midas não foi o único a ter esta idéia. Por centenas de anos os alquimistas buscaram encontrar a fórmula que transformasse os elementos mais inferiores nos de maior valor, tal como ferro e chumbo em prata e ouro.

A despeito do fracasso dos alquimistas e da infeliz experiência do Rei Midas, sua idéia não merece ser abandonada.

Muitas vezes desejei que este dom de Dionysus pudesse ser concedido sem aquele exagêro prejudicial.

Então, teria sido interessante verificar como o Rei Midas aplicaria seu estranho poder. Posso imaginar a emoção que esse bom e velho rei teria sentido ao ir tocando nas coisas sem valor, as quais sob seu toque se iam transformando em ouro brilhante, refulgente e valioso. O presente de Dionysus a Midas teve

vida curta, mas existem pessoas que receberam o poder de seu dom e possuem ainda agora um maravilhoso toque de ouro em plena atividade. Todos nós conhecemos algumas pessoas com tão grande habilidade, que tôdas as coisas em que tocam parecem se transformar em ouro sob suas mãos; todos os seus empreendimentos florecem; tudo o que tentam alcançar êxito. Se se empenham em qualquer negócio, desejamos sempre investir nêles algum capital, pois sabemos que prosperará.

Se semelhante pessoa recebe uma posição de liderança na Igreja, você sabe de antemão que essa organização irá para a frente a passos largos, e que tudo que se relaciona com ela progredirá em consequência.

O toque de ouro é uma grande dádiva. Quanto apreciaria você o possuí-lo? O Senhor nos mandou que procurássemos os bons dotes. Certamente o toque de ouro seria dêles o melhor. Os dons de Deus são sempre baseados na retidão. As pessoas que têm o toque de ouro são as que possuem a habilidade de pensar, esforçar-se e trabalhar com afinco. São os que têm disposição para resolver seus próprios problemas, ajudando suas preces a serem atendidas. É uma experiência compensadora acompanhar o trabalho produtivo de um bom líder da Igreja, que tem segurança, recursos e coragem.

Você sabe de antemão que tôdas as designações serão cumpridas a contento, as reportagens e os relatórios sairão exatos, perfeitos, e a tempo; todos os que estão relacionados com o empreendimento obterão proveito.

Nós às vezes descrevemos uma espécie de brilho radiante, desprendido pelo ouro puro. Chamamo-lo centelha. Pois pessoas há que contam com algumas das mesmas qualidades. Elas irradiam entusiasmo, coragem, iniciativa, bom ânimo, alegria, diligência e segurança. Na noite da traição de Benedict Arnold, tudo estava em confusão e suspeitava-se da lealdade de muita gente. O General Washington pediu ao pai de Daniel Webster para montar guarda durante a noite, e lhe disse "Capitão Webster, sei que posso confiar no senhor." O Capitão Webster tinha um caráter de ouro. Salomão falou de alguém que tinha ouro em suas atitudes. Ele disse, "Viste a um homem diligente na sua obra? Perante reis se levantará..." (Prov. 22:29) Há alguns reis modelo 1960, os quais são para os demais como o sol para a vegetação ou a água para as colheitas ressecadas. Lá pelos fins do outono, um fazendeiro estava cortando com o sistema de irrigação, um campo de alfafa até alcançar o fundo de vale. Devido à escassez de água, êle havia abandonado aquê-le campo de alfafa em proveito de colheitas

mais valiosas. Entretanto, em dois ou três lugares a água rompeu o valo, derramando-se sôbre a terra sêca.

Poucas semanas mais tarde era possível determinar com exatidão os locais em que a água penetrou, pois ali a alfafa cresceu verde e vigorosa, porém as partes que não foram atingidas permaneceram da mesma forma. O efeito que a água causou ao campo de alfafa, causará também às pessoas um grande líder.

Onde quer que êle vá, fará desenvolverem-se as pessoas, as quais se tornão mais úteis do que antes.

A criminologia afirma que ninguém pode passar através de um quarto sem deixar algum vestígio de sua permanência ali; seja um rastro, um fio de cabelo caído ou mesmo um cheiro.

Avalie então a grande quantidade de evidência deixada por aquêles que passam através do mundo, tocando as gentes com grandeza, de modo que suas vidas se elevem, florescendo e produzindo. Eu conheço um Conselheiro do Sacerdócio Aarônico, por exemplo, que por muitos anos tem conseguido que cem por cento de seus rapazes mereçam um certificado individual de reconhecimento no Sacerdócio Aarônico do Ramo. O conselheiro os visita em suas casas e êles são inspirados pelas suas lições, sentindo a sinceridade de seu interesse. Os rapazes são como a alfafa; sempre respondem imediatamente quando as condições ideais de fertilidade, umidade e clima estão presentes. Setenta dos rapazes que estiveram sob a influência dêsse admirável conselheiro, partiram em missão. Quão gratos não se sentirão de que êle tenha tocado suas vidas, fazendo com que sua vitalidade espiritual revigorasse as raízes de seu ser. Êste poema fala de alguém cujo toque era de ouro.

OMBROS QUE SE ENCONTRAM

Há uma lembrança reconfortadora ao fim do dia,

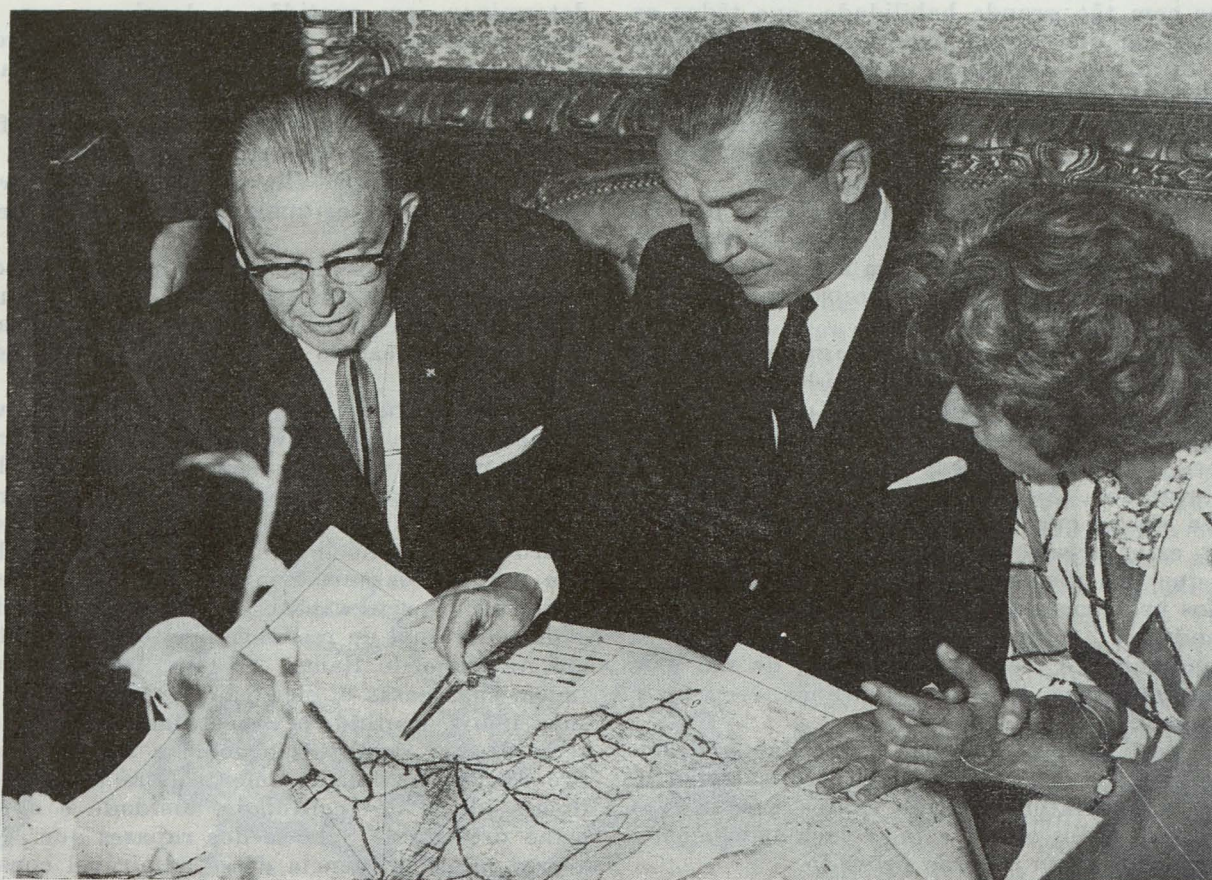
Quando me sinto cansado, solitário e triste,
E a dor me confrange o fatigado coração,
Lembrança que o faz o mais feliz que existe.
Ela penetra em minh'alma, expulsando as tristezas,

Para depois estremecer todo o meu eu
Com uma doce lembrança a cantar o estribilho
"Sou feliz porque toquei meu ombro no seu".

Você já sabia que era forte e valente?
E que eu sentia uma grande inclinação?
Sabia que eu a aguardava orando e vigilante,
E me sentia confortado com a menor atenção?

(continua na página 395)

Visita de Ezra Taft Benson ao Brasil



Nós nos sentimos imensamente honrados por haver recebido em nosso meio Ezra Taft Benson, Apóstolo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e Secretário da Agricultura dos Estados Unidos.

O Elder Benson desembarcou em Brasília, a nova capital nacional, no dia 21 de outubro passado, que foi um dos diversos pontos de parada durante sua viagem à América do Sul. Sua excursão incluiria Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Perú.

A visita teve caráter oficial, representando o governo dos Estados Unidos, e se destinava principalmente a discutir problemas de intercâmbio na agricultura, assim como notificar ao Presidente Eisenhower os andamentos do anunciado Programa de Desenvolvimento Econômico para a América Latina.

Sua permanência em Brasília foi ocupada com entrevistas e conferências, sendo das mais importantes, a conferência que manteve com o Presidente da República, Juscelino Kubitschek. Um almoço e um jantar especiais foram oferecidos por motivo de sua presença.

Seus deveres o levaram também ao Rio de Janeiro e São Paulo, onde, em adição a seu ocupadíssimo programa de conferências com encarregados do governo, ainda encontrou tempo para reunir-se com os missionários e membros da Igreja.

Nós quisemos incluir entre as páginas de nossa revista as palavras verdadeiramente inspiradas de um Apóstolo do Senhor, dirigidas a quem as quisesse ouvir.

Palestra Proferida pelo Elder Ezra Taft Benson no Rio de Janeiro

Ainda uma vez, queridos irmãos e irmãs, tenho o prazer de saudá-los.

Há apenas alguns momentos tive a alegria de contemplar e me dirigir a alguns de seus adoráveis filhos, e me congratulo com os irmãos, por poderem receber dentro de seus lares espíritos tão amáveis.

Fico muito satisfeito por saber que o Presidente Joseph Fielding Smith e sua esposa, juntamente com o Presidente Tuttle estarão de visita a seu país a partir de amanhã. Portanto, minha posição hoje é a de precursor do Presidente dos Doze Apóstolos. Eu mantive uma agradável palestra com o Presidente Smith em Salt Lake City por ocasião da Conferência. Ele aguardava ansiosamente sua visita aqui.

É um verdadeiro-prazer estar aqui com o Presidente Bangerter, e gozar da oportunidade de ver novamente o Irmão Wilson. Eu não sabia que a Reunião Sacramental que propus, na Venezuela, estava sob proteção armada. Eu não sentia medo, e nada temo, agora também.

Sinto-me imensamente feliz por estar nesta terra do Brasil. Presumo que meu país, os Estados Unidos, não possui nação mais amiga no mundo, do que a terra brasileira. Durante muito tempo, tenho almejado vir aqui, e estamos sendo muito bem recebidos e tratados.

Parece-me ter visitado partes de seu país, que mesmo vocês, os cidadãos daqui, provavelmente desconhecerao. Estamos viajando num avião militar, e já agora percorremos este grande país de norte a sul, passando um dia na fabulosa cidade de Brasília. Lá fomos recepcionados pelo prefeito e visitamos todos os arredores.

Ontem tivemos o prazer de conferenciar com vários oficiais do Governo, inclusive seu presidente, Juscelino Kubitschek. Ele nos expôs os planos de expansão deste maravilhoso país. Conferenciamos também com o Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Agricultura e Comércio, e outros encarregados. Ontem à noite, fomos convidados da Câmara Americana de Comércio....

Foi-nos oferecido um excelente jantar, ao qual compareceram tanto brasileiros como americanos, num belo espírito de irmandade e camaradagem.



Tenho sido privilegiado, meus irmãos e irmãs, durante os últimos sete anos e meio, com a oportunidade de viajar por todo o mundo, e visitar oficialmente pelo menos 40 nações. Fazem agora sete anos e meio que fui chamado para o ministério dos Estados Unidos, e esse cargo foi devidamente aprovado pelo Presidente David O. McKay. Portanto, durante todo esse tempo tenho viajado aproximadamente 100.000 milhas por ano.

Eu conheci a Igreja em muitas partes do mundo e me sinto imensamente feliz por testificar de seu crescimento. Ela progride em número e fé, assim como em influência sobre o povo. Temos visitado muitos países onde não esperávamos encontrar nenhum Santo dos Últimos Dias e lá encontramos diversos deles.

Eu nunca esquecerei nossa visita ao Japão, a nação com a qual estávamos em guerra apenas alguns anos atrás, quando numa maravilhosa manhã de domingo, parecida com a de hoje, nos reunimos com 350 membros japone-

(continua na página 392)

Alicerce para um Viver Honesto

Pelo Presidente J. Reuben Clark, Jr.



Permitam-me principiar dizendo que a Sociedade de Socorro da Igreja é decididamente a maior organização feminina do mundo. Ela não é grande apenas nos anseios e propósitos, que são os de aliviar a carência, miséria e sofrimentos da humanidade; e não apenas no seu alcance quase mundial, pois abrange a inteira extensão do mundo cristão; nem tampouco por seus feitos e atividades, apesar de terem êles trazido aos necessitados das áreas por ela atendidas, roupas, alimento, combustível e agasalho; e apesar de haver zelado pelos enfêrmos, enterrado os mortos, confortados os aflitos; nem se considerando que deu apôio aos desesperados, incentivou a retidão nos corações, e levou a verdade viva aos lares que lhe deram uma oportunidade, para sua salvação e final

exaltação, — a Sociedade de Socorro é a maior organização, não apenas devido a tudo isso, mas sobretudo porque suas dirigentes e a maioria de suas associadas partilham do direito às bênçãos e promessas do sacerdócio sustentado por seus espôsos, o Santo Sacerdócio de Deus; maior porque suas dirigentes e afiliadas têm direito à inspiração de Deus no levar avante sua obra; maior porque em seu exercício, desde há cem anos elas têm sido ricamente revestidas por aquela inspiração, sendo constantemente dirigidas pelo Espírito do Senhor que nunca mais as abandonou, desde que o Profeta reuniu algumas irmãs, (18), iniciando seu trabalho. Estas, irmãs, têm sido suas sagradas oportunidades, e suas gloriosas realizações de acôrdo com os princípios de Cristo.

Esta qualificação única da bênção e da promessa do sacerdócio, a qual lhes pertence, é o que as torna singulares dentre tôdas as organizações, dando-lhes o poder e a autoridade que nenhuma outra organização feminina pode usufruir, porém trazendo consigo certos deveres e responsabilidades que determinam e estabelecem largamente a sua obra, a qual, sob este ponto de vista deverá seguir o modêlo das obras de Jesus, aliviando as dores humanas e elevando os anseios espirituais. A Sociedade de Socorro é a adjutora do Sacerdócio de Deus no levar avante a Sua obra de salvação da humanidade. Eis a chave para tôdas as tarefas que venham a encetar; ela entreabre a porta a todos os seus deveres, e descerra o portão a tôdas as suas atividades.

A família Santo dos Últimos Dias, em seu lar, possui três grandes funções para levar a cabo.

Primeira, deve fornecer a seus membros oportunidade de viver vidas que os qualificarão a retornar aos mais elevados círculos do lar celestial de onde provêm, habitando com o Pai Celestial e sua adjutora, através das eternidades.

Segundo, deve aperfeiçoar seus deveres, empregando os direitos e funções de forma a poder encontrar um lar celestial que pelas eternidades a fora seja igual em poder, oportunidades e dignidade ao lar dos céus de que proveio e ao qual deseja retornar.

Terceira, deve viver sua vida de forma a prover aos espíritos ainda aguardando taber-

náculos de carne, ao mesmo tempo, mentes e corpos sádios, pois os espíritos que virão através dela são escolhidos, tendo merecido, por sua vida anterior, o direito de vir, em seu segundo estado, habitar em um lar de retidão — entre as famílias possuidoras de maior valor, promessas e oportunidades: e essa família deve prover-lhe, a êsse espírito que convida a vir, as condições que irão de encontro aos requisitos de retidão para seu sucesso.

E por certo, de alguma forma esta última pode ser considerada a maior responsabilidade entre as três. Pois nosso retorno ao lar celestial e o estabelecimento de um lar no céu afeta mais diretamente a nós próprios, nós, “os dois que formaram uma só carne”; mas o corpo que oferecemos ao espírito que é nosso convidado, está intimamente ligado ao retorno ou não dêsse espírito ao lar anterior e à sua habilidade ou não de construir um lar celestial, os dois grandes fins de nosso, segundo estado ou estado de provação. O Senhor não achará sem culpa os pais que falharem no cumprir a maior da parte do que são capazes, no sentido de aceitar essas responsabilidades, pois o Senhor nos dará poder para fazermos tudo o que devemos ou precisamos fazer, se vivermos segundo sua lei. Não é sempre que um espírito do mal se achega àqueles que sempre têm feito o possível.

Assim sendo, a vida de retidão não é prescrita por uma Divindade desorganizada ou caprichosa. As prescrições desta vida têm suas bases nos profundos segredos da eternidade. Elas conduzem o homem aos mais altos graus de glória, ao pináculo da realizações celestiais.

Os Santos dos Últimos Dias reconhecem que êsses assuntos não são teorias ociosas, contentadas sobre as idades e mentalidades dos homens; eles sabem que êstes são os fatos básicos da existência; tôda a dúvida e descrença nêsse particular já foi afastada de suas mentes e almas.

Qualquer um pode se extasiar em reverente silêncio diante da grandeza e da glória desta visão do nosso prometido destino, que deriva do soerguimento de um lar dentro da verdade.

O PERFEITO LAR TERRENO

Será possível que qualquer casal, unido como marido e mulher, esteja tão morto para o progresso e as maiores venturas, que não seja influenciado pelo espírito de atingir essa glória, êsses tesouros imortais que esperam os justos, tesouros que durarão de eternidade em eternidade.

O verdadeiro amor deve reinar lá, o verdadeiro amor que abençoa e orna todos os atos.

Apenas a paixão do sexo não o fará; pois ela queima, deixando cinzas que deverão ser espalhadas pelo vento. O divórcio, e não o destino divino de uma família celestial aguardadas no fim de uma curta estrada.

Deve haver castidade nêsse lar. Uma esposa impura macularia o próprio coração do lar. “A esposa virtuosa é uma corôa para seu marido: mas a que procede vergonhosamente é como apodrecimento nos seus ossos.” (Prov. 12:4) A mãe impura marca sua descendência com a desgraça. E um pai impuro traz para seu lar um cancro que consome, deixando apenas escória atrás de si.

Deve haver respeito e honra nêsse lar.

Paciência em abundância assim como medidas cheias de caridade precisam ser lá encontradas.

A discórdia não poderá encontrar ali um pouso e a desconfiança não deve atravessar sua soleira.

A lealdade de pensamentos, palavras e ações deve habitar em seu meio; a falta de lealdade apaga o sagrado fogo da vida em família.

Lá deve existir a bondade; a confiança do amor deve estreitar seus vigorosos braços ao redor dêles.

A esperança mais alta habitará nêsse lar; o desespero será expulso de sua porta.

Os filhos serão bem-vindos; a maternidade e a paternidade trarão a felicidade mais alta, sendo nosso soberbo destino.

A modéstia deve habitar sempre na intimidade das filhas, e o respeito pela feminilidade encherá os corações dos filhos.

A indolência não cruzará o liminar da porta; a industriiosidade e o labor reinarão lá dentro como soberanos absolutos.

A fé deve abrigar o lar como um clarão de bondade, e a descrença não encontrará ali abrigo.

A retidão a todos cobrirá como um manto; seus pés palmilharão a trilha do dever.

A prece será constantemente elevada a Nosso Pai Celestial como de um altar santo; a paz e bênção de Deus os isolará contra o Mal.

A obediência aos mandamentos de Deus deve guia-los e incentiva-los; Satanás será expulso de sua presença.

A sabedoria montará guarda constantemente à porta; assim, seus feitos seguirão as pegadas do progresso eterno, e suas iniciativas se carregarão de retidão.

A honestidade será entesourada como uma jóia; a verdade será sustentada como uma corôa.

(continua na página 389)

Quem Justificaria "Um Pequeno Pecado"?

Elray L. Christiansen
Assistente ao Conselho dos Doze

Cada um de nós necessita uma revisão espiritual, assim como de tempos em tempos necessitamos consultar nossa saúde; cada um, do mais jovem ao mais idoso necessita fazer uma apreciação de si mesmo como membro da Igreja de Jesus Cristo, e como chefe de família ou membro da mesma, de quando em vez, para determinar o grau de fidelidade ou lealdade e aderência às regras e doutrinas da Igreja.

Um dos antigos profetas tinha isto em mente quando disse:

"E muitos dirão: Comei, bebei, divirtivos, porque amanhã morreremos; e tudo nos irá bem.

"E muitos também dirão: Comei, bebei e diverti-vos; não obstante, temeí a Deus; pois que, Ele revelará cometer pequenos pecados; sim, menti um pouco, aproveitai-vos das palavras de alguns, abri um buraco ao vosso vizinho; não haverá mal nisso; e fazei tôdas estas coisas, porque amanhã morreremos; e se acontecer estarmos culpados, Deus nos dará algumas chibatadas, e no fim, nós nos veremos salvos no reino de Deus." (2 Nefi 28:7-8).

Será que esta predição de Nefi se passará nos nossos dias? Existe entre nós quem procure justificar um pequeno pecado?

Encontrar-se-á entre nós quem se renda à tentação e insistência dos conhecidos e companheiros, para: "Comer, beber e divertir-se" em certas ocasiões? Será que nós, por exemplo, quando em companhia de outros, esquecemos o decôro e a decência, de maneira a sermos aceitos pelo grupo? A assim chamada "rodada entre amigos", por exemplo? Será que renegariamos o princípio elevado de conduta que como povo nos determinamos a defender, para admitir práticas reprováveis quando sa-



bemos que o fazê-lo enfraquece o caráter, desacredita o nome da família e atrai tristeza e máguia a uma pessoa, em lugar de alegria e paz?

"Nós acreditamos em sermos honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos, e em fazer bem ao próximo... Se existe alguma coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos. (Art. 13.º — Regras de Fé)

Sendo êste o caso — sendo tais os nossos princípios, poderia então acontecer que qualquer um de nós mentisse um pouco, ou se aproveitasse de alguém por causa das suas palavras, talvez mistificando ou exagerado o que disse?

Existirá entre nós alguém que cavaria mesmo em sentido figurado uma cova ao seu vizinho, desejando vê-lo cair? Talvez para tirar vantagem, ou por meio de astúcia, pensando que uma vêz que permanece em liberdade é merecedor de confiança e é considerado homem honesto.

"Faça de si mesmo um homem honesto", disse Carlyle, "e poderá ter certeza de que haverá um patife a menos no mundo".

Encontrar-se-á entre nós alguém que procuraria justificar-se incidindo nestes êrros?

Se existe, procure arrepender-se ainda hoje.

Mais ainda, êste mesmo grande profeta Nefi, aponta que os que se justificam por pecar um pouco, sendo seduzidos pelas coisas fúteis do mundo, se colocam numa tal posição que no dizer dêle, "o diabo furtou suas almas, e conduziu-os cuidadosamente para o inferno". (2 Nefi 28:21). E como isto é certo e verdadeiro!

Os pecados e vaidades do mundo, e portanto a corrupção acham-se muito próximos de nossa vida. Seduções e pressões para o aban-

dono da justiça são encontrados em qualquer parte. Algumas dessas faltas são quase glorificadas.

Observando o exposto, nós os Santos dos Últimos Dias, moços e velhos, devemos estar firmes no que julgamos ser certo e nessa certeza manter-nos seguros e imutáveis. Cada qual deve fixar seu próprio rumo. Cada família deverá determinar se seus membros adotarão a norma da perdição, do viver negligente, ou serão obedientes aos mandamentos de Deus.

Quando as tribos da antiga Israel se sentiram inclinadas a adorar os deuses pagãos, renunciando aos princípios dados por Deus, devemos nos lembrar que Josué, temendo pelo seu povo, "reuniu tôdas as tribos de Israel em Siquém e chamou os anciões de Israel, e os seus oficiais..." (Josué 24:1).

Foi então que êle fêz ver a todos o que estava acontecendo entre êles, e os admoestou, pedindo que abandonassem os deuses estranhos e chamou-os ao arrependimento, exortando-os a servir o Deus de Israel com sinceridade. Então, na majestade do seu chamado como profeta, disse-lhes, "...escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram vossos pais, ...ou os deuses dos amorreus... porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor." (Ibid., 15)

Assim como Israel naquêle dia, também nós devemos decidir hoje.

Por exemplo, nesta época de difusa profanação do sábadô do Senhor, o qual é considerado meramente uma parte do fim de semana e que é aproveitado por muitos para emoções e prazeres — caçando, fazendo compras, etc.; será que eu, você, servimos a Deus estando no lugar certo, fazendo o que devemos fazer, no seu dia santificado?

E novamente, quando amigos ou conhecidos fazem pressão para o uso do fumo ou de bebidas alcoólicas, deveremos consentir só para sermos sociáveis? Se eu e os meus determinamos servir a Deus na lei da saúde, de nada servirá qualquer pressão que venha a ser feita.

Quando o casamento é considerado, será que o plano é um arranjo temporário, ou deverá êle ser administrado de acôrdo com as ordenanças de Deus; de acôrdo com a sua dôce e maravilhosa maneira de tornar possível a reunião de uma grande família na ressurreição? Esta é a questão que devemos determinar quando se apresenta a ocasião, ou antes mesmo, pois devemos fazer os planos antecipadamente, para o grande episódio das nossas vidas.

Outro fato — o pecado devastador da fal-

ta de castidade e lassidão moral tem sido fator predominante da queda de muitas famílias respeitáveis e muitos impérios. Entre os povos de hoje, êste mesmo destruidor da felicidade, representa um retrato sombrio para a segurança e paz desta e das gerações futuras.

Há poucos anos, a primeira presidência formulou uma advertência aos Santos dos Últimos Dias e ao mundo em geral, contra êsse pecado. Entre outros relatos elaborados, afirmaram: "A doutrina desta Igreja é a de que o pecado sexual, a relação sexual ilícita entre o homem e a mulher é considerada na sua enormidade logo após o assassinio. Deus não fêz distinção essencial entre a fornicação, o adultério ou a prostituição. Todos receberam sua condenação. Vós, mocidade de Sião, não podeis vos associar na relação sexual ilícita que é a fornicação, e fugir aos julgamentos e punições de Deus, que declarou-se contrário a êstes pecados. O dia do julgamento virá tão certo como a noite segue o dia."

Admoestação idêntica foi dirigida àqueles maridos e espôsas que quebram as leis da moral. Portanto, pelo direito que lhes assiste como líderes da Igreja de Jesus Cristo, portavozes do próprio Deus, êles deram êste aviso solene, seguido do apêlo de estrita moralidade:

"Por virtude da autoridade investida sobre nós, como Primeira Presidência da Igreja, advertimos as pessoas contra as depravações, devassidão e punições que advirão aos impuros.

"Nós os concitamos a lembrarem-se das bênçãos que recebem os que levam uma vida limpa. Conclamâmo-los a trilhar dia a dia o caminho da estrita castidade, através do qual sômente bênçãos serão conseguidas e recebidas de Deus, e o seu Espírito habitará convosco.

"Que glorioso é aquêle que vive uma vida casta, pois anda sem mêdo no reluzir de um dia de sol, porquanto está sem enfermidade moral."

Então, será que daremos ouvidos àqueles que procuram diminuir a seriedade desta transgressão e fazer-nos crer que Deus mudou de idéia quanto ao exposto? Ouviremos aquêles que procuram dizer que a castidade está fora de moda ou seja, que é antiquada?

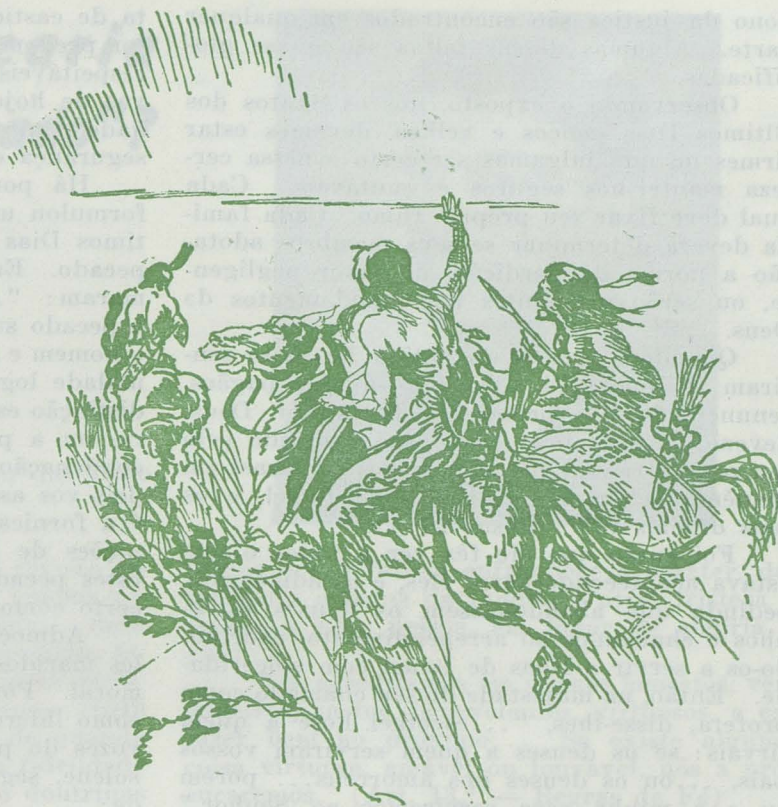
Cada qual deve seguir e encorajar a propagação dos princípios de honestidade e virtude merecedora de crédito, e estar preparado, como Josué, para dizer tal qual êle falou ao seu povo... "Escolhei hoje a quem sirvais; eu porém e a minha casa, serviremos ao Senhor." (Josué, 24:15).

Traduzido por Luis Fialho

Fé,

*Essa
Conquistadora*

Por James A. Little



INTRODUÇÃO

Concluídas as negociações de paz, Jacob Hamblin voltou a se dedicar a seus próprios afazeres, e a promover o crescimento de Sião, obedecendo incondicionalmente às instruções do Presidente Brigham Young. Levou um casal de moquis para conhecer as condições adiantadas dos mórmons, e excursionou com êles por vários lugares. Florescia cada vêz mais o comércio entre navajos e santos.

Por uma considerável extensão de terra para lá de Moancoppy, o território é estéril e desconfortável. Após ter deixado o local, a primeira companhia ficou desencorajada, caindo seu moral, e portanto retornaram.

Nêsse meio tempo, eu me ocupava de formar uma lavoura e com um pouco de ajuda, plantei doze acres de milho, feijão, batatas e outros vegetais.

As companhias que seguiram à que retornou de Little Colorado, provaram o mesmo desânimo. Não podiam se beneficiar do conhecimento de que apenas um pouco para lá daquele local de onde a primeira companhia havia resolvido retornar, a terra era boa, com fontes abundantes e bastante lenho. Todos retornaram a

Utah, e o grande esforço de estabelecer uma colônia a sul do Colorado foi, por aquela ocasião um fracasso.

O fracasso resultara obviamente da falta de fé na missão para a qual haviam sido chamados pelo Senhor, através de Seus servos.

Essa companhia enviada para o Arizona, foi a oportunidade dos santos de ocupar a zona. Logo após, as melhores localizações do território eram tomadas por outros, e nosso povo tem sido, desde então, compelido a pagar muitos milhares de dólares para obter locais adequados para seus lares, na região.

Os navajos continuaram um pacífico comércio com nosso povo até o inverno de 1874-75, quando uma circunstância desastrosa veio a ameaçar grandemente nossas relações amistosas com aquêle povo.

Um grupo de jovens navajos se dirigiu para a confluência leste do Sevier River, a fim de comerciar com alguns Utes da vizinhança. Em Grass Valley, foram surpreendidos por uma severa tempestade de neve, a qual perdurou por três dias. Êles encontraram abrigo numa construção vazia que pertencia a um tal McCarty. Êle não era membro da Igreja, e tinha a animosidade com relação aos índios, tão comum en-

tre os brancos, e que os levava a chacinar os selvagens, como os chamavam, sob as mais fúteis pretensões.

Os navajos, famintos devido ao retardamento, mataram um pequeno animal pertencente ao Sr. McCarty. De alguma forma, êle foi informado da presença do grupo no seu rancho, e reuniu alguns homens de espírito semelhante ao seu, caindo súbitamente sôbre os índios. E, sem dar-lhes oportunidade de uma explicação, mataram três dêles e feriram gravemente o quarto.

O homem ferido, após suportar vicissitudes extremas, atravessou o rio, chegando ao meio de seu povo.

Ao relatar-lhes seus sofrimentos, criou-se logo um amargo espírito de vingança, muito característico dos índios por tradição e costume. O caso ocorrera no território "Mórmon", onde os navajos naturalmente supunham encontrar-se entre amigos, e não distinguindo McCarty como um estranho, o assassinato foi atribuído aos "Mórmons".

A atrocidade criou considerável excitação entre ambos, índios e brancos. Quando o Presidente Young soube disso, pediu-me que visitasse os navajos, e lhes desse satisfações de que nosso povo não estava envolvido com aquilo.

Sentindo que o caso, sem grande dificuldade poderia transformar-se em uma guerra, parti imediatamente para seus territórios a fim de cumprir minha missão.

Saí de Kanab sôzinho. Meu filho Joseph alcançou-me cêrca de quinze milhas além, com uma nota do Bispo Levi Stewart, aconselhando meu retôrno, pois havia sabido dos Piutes que os navajos estavam muito exasperados e ameaçavam vingar-se na primeira oportunidade.

Eu tinha sido designado para aquela missão pela mais alta autoridade de Deus sôbre a terra. Minha vida não era senão um breve momento comparado com as vidas dos santos e os interêsses do reino de Deus. Eu me determinei pois a confiar no Senhor e prosseguir. Instrui meu filho a que retornasse a Kanab, e dissesse ao Bispo Stewart que eu não me conformava com desistir e voltar.

Chegando ao povoamento de Pahreah, encontrei Lehi Smithson e outro homem preparando-se para partir para Mowabby. Pernoitamos ali, procurando animais para a jornada. Aquela noite, meu filho Joseph me alcançou novamente, com outra nota do Bispo Stewart, aconselhando-me a retornar, e declarando que se eu prosseguisse, seria certamente morto pelos navajos.

Quando alcançamos Mowabby, descobrimos que a loja de comércio de cavalos que havia sido aberta ali, estava preparada da melhor for-

ma possível para se defender. Isto havia sido feito por três ou quatro mineiros que se abrigaram lá, por causa da excitação que parecia justificar os preparativos.

Eu senti que não tinha tempo algum a perder. Era importante conseguir uma entrevista com os navajos antes do desenlace.

Meu cavalo estava esfalfado, e desejando ir a Moancoppy, dez ou doze milhas adiante, naquela noite, dois irmãos de nome Smith trouxeram-me um cavalo de montaria, e montaram dois outros para me acompanhar.

Em Moancoppy eu esperava encontrar alguns oribas que me poderiam dar informes corretos sôbre o estado de ânimo dos navajos. Lá, encontramos apenas uma família piute e uma mulher oriba. Dêles depreendi que os parentes jovens dos navajos mortos em Grass Valley estavam muito excitados, mas um homem mais velho expressava desejo de me ver antes que qualquer coisa fôsse feita e que alguém ficasse ferido.

Essas notícias eram encorajadoras para mim. Sendo já noite, deitamo-nos e dormimos até de manhã.

Tuba tinha estado morando em Moancoppy, e havia partido, devido à excitação. Alguns de seus bens estavam espalhados por ali, de forma a indicar que êle havia partido precipitadamente.

Fui informado de que Mush-ah, navajo com o qual eu estava familiarizado, e em quem tinha alguma confiança, estava acampado perto de uma nascente, vinte milhas a leste de Moancoppy. Tive esperança de encontrá-lo e ter com êle um entendimento, cultivando a conciliação sem me expôr demasiado à ira dos índios.

No local onde esperávamos encontrar Mush-ah, ficamos decepcionados. O acampamento estava vazio. Cruzamos com um mensageiro navajo, galopando à tôda para Mowabby, a fim de descobrir os preparativos iniciados no local. Êle pareceu muito satisfeito em me ver.

Após pequeno colóquio, apontou para um alto tabuleiro, na distância, e disse que os navajos estavam acampados naquêle ponto e desejavam ver-me.

Nós chegamos ao acampamento após o cair do sol; nas vizinhanças estavam reunidos um grande número de cavalos, carneiros e cabras.

Dois ou três homens grisalhos, saíram ao nosso encontro com naturalidade, mas não pareciam tão amistosos como de costume. Eu lhes falei sôbre minha missão. Logo depois, vimos alguns rapazes cuja aparência não pressagiava nada de bom.

Havendo uma bonita lua, enviaram logo um mensageiro, para informa-los com antecedência de minha chegada.

Eu perguntei por Hastele, que me havia sido mostrado pelo principal chefe em nossa conversa final de paz, três anos antes, e por quem eu havia sido instruído a apelar em caso de dificuldade.

Não obtive qualquer resposta, o que indicava claramente que não desejavam sua assistência. Eu comuniquei aos homens mais velhos as circunstâncias relativas à morte dos navajos em Grass Valley, conforme as compreendia. Eles replicaram que não estavam preparados para uma conversa ou conselho, e disseram, "Quando os parentes estiverem todos aqui, conversaremos."

Meu espírito estava pesado de tantos presentimentos tristes, e teria pressurosamente deixado o local se me pudesse sentir justificado ao fazê-lo. A menos que o Senhor estivesse conosco, que poderíamos fazer com todos aqueles homens contra nós?

CAPÍTULO XX

A noite se passara, e uma parte da manhã do dia seguinte, quando os navajos que haviam sido convocados, começaram a se reunir.

Lá pelo meio-dia, fui informado de que todos estavam prontos para a entrevista. Uma cabana fôra esvaziada de seus pertences para servir de sala de conselho, a qual contava cerca de vinte pés de comprimento por doze de largura. Era construída de troncos ligados uns aos outros, com uma extremidade apoiada no chão, e a outra reunida no centro, ao alto. Os troncos estavam cobertos por cêrea de seis polegadas de rebôco.

Uma fogueira tinha sido ateadada bem no centro da tenda, sendo a fumaça expelida por um buraco no teto. Não havia senão uma entrada, que ficava ao fundo.

Dentro dessa cabana reuniam-se uns vinte e quatro navajos, quatro dos quais eram conselheiros da nação. Alguns índios se agrupavam ainda ao redor da entrada.

Os dois Smiths e eu, sentados no lado oposto à abertura, não contávamos com nenhuma possibilidade aparente de alcançá-la se se tornasse necessário tentar salvar nossas vidas.

A assembléia foi aberta pelo coordenador navajo, declarando que o que eu afirmara acerca do assassinato de seus parentes era falso. Ele ressaltou que a meu conselho, sua gente havia atravessado o grande rio para negociar com nosso povo, e eles assim fazendo, haviam perdido três bons rapazes, que foram abatidos em territórios mórmom, para que os lobos os comessem. O quarto, asseverou êle, voltara para casa com um ferimento de bala e sem

uma só manta, e havia estado durante trinta dias naquela e penosa condição, gelado e faminto.

Êle disse ainda, que eu não precisava nem pensar em voltar para casa, mas meus amigos americanos poderiam regressar, se partissem imediatamente.

Eu informei os dois Smiths das intenções dos navajos concernentes a mim. Disse-lhes que já haviam sido atenciosos demais comigo e eu não os enganaria; eram livres de partir, se o desejassem.

Eles replicaram que não se retirariam enquanto eu não partisse também.

Nossos três revólveres pendiam sôbre minha cabeça. Era bom que os tivéssemos tão à mão quanto possível, e assim, agarrei-os todos ao mesmo tempo, dizendo ao nosso intérprete Piute, "Vou tirar isto daqui; está me atrapalhando."

Enquanto falava, passei as armas para trás de mim, aos Smiths, não desejando despertar qualquer suspeita de que eu sentisse receio, ou esperasse empregar os revólveres. Adverti os Smiths a não fazerem qualquer movimento enquanto a isso não fôsem abrigados.

Os navajos continuaram a falar ainda durante algum tempo, quando me foi dado a compreender que tinha chegado o meu turno.

Relatei então minhas antigas relações com seu povo, e meus esforços para manter a paz. Esperava que não pensassem em matar-me por um erro com o qual nem eu, nem meu povo nada tínhamos que ver; e que pessoas estranhas haviam cometido o atentado.

Eu descobri que as minhas palavras do dia anterior haviam exercido certa influência entre os mais velhos, mas apenas um homem grizalho pertencia ao conselho. Entretanto, as outras pessoas tinham permissão para falar também.

Os homens jovens sentiam evidente temor de que os mais velhos se opusessem a seu desejo de vingança, e exteriorizavam grande intensidade de emoções. O homem ferido foi trazido até ali, suas machucaduras expostas ao conselho, e então, um jovem guerreiro preferiu agitado apêlo de desforra. Êle revoltou o sangue dos índios desde as profundidades. Encerrando seu discurso, declarou que não podiam fazer nada menos do que me condenar à morte.

Por alguns minutos senti que se jamais me fôsse dado voltar a ver os amigos e o lar, deveria apreciar bastante o privilégio. Pareceu-me sentir que um dos Smiths, atrás de mim, havia puxado seu revólver. Sussurrei para êle, "Calma! Não faça o primeiro movimento, e ninguém mais o fará. Eles nunca

estarão em condições de fazer coisa nenhuma.”

Esta certeza me foi dada pelo Espírito do Senhor dentro de mim.

Quando a excitação havia esmorecido um pouco, eu falei ao intérprete Piute. Ele porém, não podia ou não queria nem responder-me, nem dirigir qualquer pergunta aos navajos. Limitava-se apenas a ficar sentado ali, tremendo, evidentemente amedrontado.

Os navajos trouxeram outro Piute, e recomendaram-no como homem de grande coragem, dizendo que não haveria de falhar; mas logo ele ficou no mesmo dilema que o anterior.

Após mais alguma conversação, nossos árbitros pareceram um pouco modificados e, em lugar da vingança com sangue, propuseram-se a tirar-nos gado e cavalos pela injúria. Exigiram de mim um documento escrito, pelo qual eu me obrigasse a pagar-lhes cem cabeças de gado por cada um dos três navajos mortos, e cinquenta pelo ferido.

Esta seria uma escapada para mim. Poderia retornar a casa simplesmente colocando meu nome num papel. No entanto, entrei a refletir: Irei eu, por este ato, reconhecer que meu povo está culpado de um crime que não cometeu; e neutralizar assim todos os bons resultados de nosso trabalho entre este povo durante quinze anos? Poderei obrigar a Igreja a pagar trezentas e cinquenta cabeças de gado por um crime que outros cometeram? A quantia é talvez superior ao que eu conseguiria ganhar trabalhando durante todo o resto de meus dias.

Assim, o sacrifício pareceu-me bem maior do que o valor de minha vida. E repliquei que não assinaria a obrigação.

Um deles assegurou que eu concordaria, se me visse colocado sobre uma cama de brasas, e apontou para a fogueira no meio da cabana.

Respondi que nunca havia mentido a eles, e que não pagaria pelos erros das outras pessoas. “Façam com que os americanos respondam por sua própria maldade; eu não me comprometerei a pagar-lhes um caso que seja.”

Daqui por diante, o novo intérprete Piute recusou-se a proferir mais uma palavra sequer.

O chefe Piute, plantado na porta da cabana, falou-lhe numa voz irada, acusando-o de ter um coração muito mole e covarde.

Então o chefe me perguntou se eu não estava amedrontado.

Respondi-lhe com uma pergunta, “De que estaria com medo?”

“Dos navajos”.

Eu lhe assegurei que não tinha medo de meus amigos.

“Amigos”, disse ele, “Você não possui um só amigo em toda a nação navaja. O sangue deles foi derramado em sua terra. Você causou lamentações a uma nação inteira. Seus amigos, os Ketch-e-ne, que costumavam dar-lhe alimento quando você estava faminto, e mantas quando sentia frio, estão em pranto por seus filhos assassinados. Você faz com que o pão que comem seja como braza, e a água que bebem como achas incandescentes. Não está com medo?”

“Não”, repliquei, “meu coração nunca conheceu o medo.”

Os navajos quiseram saber acerca de que falávamos, eu e o chefe Piute.

Este repetiu a conversa em seu dialeto, e então eles confabularam entre si. Em certas ocasiões discutiam com grande calor. Foi-me perguntado se conhecia Hastele.

Repliquei pela afirmativa, e então me inquiriram, “Que sabe você acerca dele?”

“Conheço o que Barben-ce-ta e outros de seus chefes me disseram na grande conversação da paz,” respondi, “que ele é um homem honesto, e que todas as dificuldades importantes entre seu povo e o meu deveriam ser levadas perante ele. Eu sabia que este caso precisava ser conhecido por Hastele, e soube disso durante todo o tempo em que estivemos conversando. Vim aqui numa missão de paz. Se enviarem Hastele ao nosso território, para averiguar a verdade acerca do que lhes disse, poderão mandar com ele quantos mais quizerem. Gostaríamos também que o fizessem acompanhar de seu melhor intérprete.

“Não adianta me pedir que pague. Entrementes, seu povo poderá comerciar com os mórmons em paz. Eles ficarão alegres ao vê-los, se vierem durante o dia, da maneira com que nosso povo visita sua região — não para rondar suas aldeias na escuridão, matando e roubando. Eu vim para fazer de acordo com o que havia sido tratado em Forte Defiance.”

Senti que as últimas coisas que falava haviam surtido o efeito desejado. Sua animosidade começou a suavizar.

Após mais alguma discussão entre eles, o intérprete disse, “Eles falam bem de você agora.”

“Estou alegre”, repliquei; “é mesmo tempo de começarem a falar bem. Que dizem sobre mim.”

“Eles dizem que você tem um bom coração. Concluíram que é melhor esperar até que vejam seus grandes chefes, e crêem que a questão será levada perante Hastele.”

Concordou-se então que eu deveria vir a Mowabby dentro de vinte e cinco dias, e eles virificariam se não era mais sábio enviar real-

mente alguém, para averiguar a verdade de minhas declarações. Vinte e cinco talhes foram feitos em um galho, e quando êles tivessem todos desaparecido, cortando-se uma seção a cada manhã, eu deveria estar em Mowabby.

A história de minhas incursões entre os índios da margem leste do Colorado, durante quinze anos, foi analisada inteiramente por êles. Na verdade, deram balanço em todos os meus atos que chegaram a seu conhecimento e por felicidade pude prestar contas de tudo e apresentar boas razões para êles.

Minha cabeça tinha-se esforçado ao máximo, por essa ocasião. Eu estava no fundo de uma cabana superlotada, sem probabilidade qualquer de sair dali se o desejasse, e sem o privilégio de inhalar um hausto de ar puro.

Dali a pouco, trouxeram e ofereceram a mim um bocado de carne de carneiro, para que arrancasse o primeiro naco.

A visão daquela carne assada, a súbita reviravolta dos acontecimentos, e o paralelo com um assado de natureza bem diferente, deu volta ao meu estômago. "Eu me sinto mal," declarei apressadamente aos que estavam ao meu lado.

Fui até a porta da cabana. Era reconfortante respirar ao ar livre, e contemplar a gloriosa lua. Pareceu-me ser meia-noite, e se assim fôsse, o conselho teria tido a duração de doze horas.

Um coração de mulher parece sempre mais complacente, entre todos os povos. Uma índia navaja, talvez compreendendo minha situação, veio perguntar-me se não poderia ir buscar algo que eu desejasse comer.

Mencionou muitas variedades de comida que tinha à mão, mas eu não queria nenhuma. Ela disse que havia estado na minha casa em Kanab, e sabia que o leite me agradava, portanto ia me trazer um pouco. Levando uma vasilha na mão, dirigiu-se ao aprisco de cabras, e ordenhou-as ao luar.

Ela regressou com um pouco de leite, o qual eu bebi, entrando em seguida na cabana, para me estender e dormir até que alguém disse que estava claro o suficiente para procurar os cavalos e partir.

Pedi aos navajos que tentassem achar nossos animais, pois parecia-me mais seguro permanecer na cabana do que sair por ali em busca dos cavalos, exposto a encontrar alguns dos maus espíritos que tinham estado no conselho.

Os cavalos foram trazidos, e os Smiths e eu galgamos rapidamente nossas selas, deixando atrás de nós o paleo das penosas cenas da noite anterior.

Ainda uma vez se cumprira para mim a promessa que me havia feito o Espírito alguns anos atrás, de que se eu não derramasse o sangue dos lamanitas, nunca morreria por suas mãos.

CAPÍTULO XXI

Dou lugar aqui a uma carta de Mr. Smith ao jornal Pioche Record, que foi também republicada no Deseret News:

"Moawabby, Condado de Mohave, Arizona,

5 de Fevereiro de 1874

... "No terceiro dia, um índio Piute, enviado pelos navajos, nos alcançou. Após longo colóquio, conseguimos apurar que os jovens da tribo tinham-se decidido pela guerra, mas os chefes se opunham à luta, pelo menos por enquanto; queriam aguardar a chegada de Jacob Hamblin, o qual tinha agido como representante de Brigham Young em tôdas as negociações de importância com os índios, nos passados vinte anos, e descobrir seu parecer sobre a situação.

"Nós comunicamos ao Snr. Hamblin a mensagem dos chefes navajos, e, parando apenas para conseguir animais descansados, êle partiu de imediato para a próxima aldeia Moquis, a fim de enviar um mensageiro aos navajos, notificando sua próxima chegada, e pedindo audiência. Meu irmão e eu o acompanhamos.

"Chegamos ao local lá pelo crepúsculo, e descobrimos, com enorme desapontamento que os índios tinham ido a um grande baile na aldeia Oriba, a seis milhas de distância, com a única exceção de um Piute coxo.

"Permanecemos ali durante aquela noite, e na manhã seguinte partimos para as aldeias Oriba, levando conosco Huck-a-bur, o índio coxo, que revelou ser um bom intérprete.

"Não tínhamos cavalgado ainda quinze milhas, quando encontramos um Piute, o mesmo enviado navajo da ocasião anterior. Êle disse que viera para verificar se Hamblin tinha chegado, e expressar a grande alegria por vê-lo, dizendo que os índios estavam extremamente ansiosos. Apressou-o a ir com êle para o acampamento do chefe navajo mais próximo, que, afirmou, não estava a mais de quinze milhas de distância, e lá discutir o assunto.

"Após consultar-nos, e estando ansiosos por não perder tempo, seguimos caminho, cavalgando umas vinte e cinco milhas, em vez de quinze, antes de alcançar o acampamento navajo, que consistia de apenas duas cabanas. Um índio alto e poderoso, em cuja cabeça a neve de muitos anos tinha repousado, saudou-nos com

embaraço e solenidade, num abraço em tudo semelhante ao apertão de um urso pardo, e convidou-nos a entrar.

“A cabana (wick-e-up), substancialmente construída com pesados cedros de cerca de 15 pés de extensão, era circular, como as tendas de pele dos índios das planícies, tendo uma abertura próxima ao topo, para dar vasão à fumaça; era coberta de barro e cascas de árvore, sendo aquecida e confortável por dentro, de molde a não causar o menor desagrado aos membros do grupo, pois tinha estado nevando fortemente durante toda a tarde. Lá estavam três navajos e três squaws, uma das quais muito moça e bonita, mais dois Piutes.

“Após uma baforada amistosa, ofereceram-nos um bom e substancioso jantar de cabrito assado e cozido, e mingau de milho, que as mulheres índias trituram à maneira antiga, entre duas pedras.

“Então a conversação se iniciou. Hamblin, seja isto lembrado, apesar de perfeitamente familiarizado com a linguagem Piute, nada sabia, ou muito pouco do dialeto navajo, e assim, os serviços de nosso Huck-a-bur foram requisitados. O chefe que viemos ver, não estava lá, porém seria encontrado há apenas algumas milhas dali, conforme nos informaram. Como estávamos ansiosos por retornar, pedimos aos navajos que despachassem o Piute para chama-lo ainda aquela noite, de forma que pudesse estar ali, logo de manhã, sendo a conversação encerrada no dia seguinte.

“Após sua partida, a palestra prosseguiu; os navajos presentes mostraram-se ansiosos por que a situação fôsse aplainada sem mais derramamento de sangue, e disseram que tal era o desejo dos homens principais da tribo. Eles explicaram que os navajos já conheciam Hamblin de longo tempo, e acreditavam que êle faria o que é certo.

“Tudo parecia prometededor e nós nos retiramos para descansar numa pilha de peles de búfalo e mantas navajas que valiam um cavalo cada, e dormimos bem e em segurança.

“Na manhã seguinte, os índios nos deram um excelente desjejum e passamos a primeira parte do dia vagueando por ali, examinando artigos de manufatura dos índios que eram novos para nós, e procurando matar tempo até a chegada do chefe.

“Um pouco antes do meio-dia, doze bravos da nação navaja, armados de arcos, flechas e rifles, chegaram à galope, e desmontando entraram na cabana sem nos apertar as mãos, pedindo tabaco em tom de voz insolente. Nos os satisfizemos, e após fumar um pouco, êles começaram a atirar todas as coisas fora da cabana, dizendo que havia ainda mais

navajos chegando, e que encheriam o lugar. Com efeito, dentro em breve desmontaram ali mais navajos, compondo um total de dezenove, mas ainda nenhum chefe.

“A nossa pergunta sobre seu paradeiro, responderam que êle havia ido a Forte Defiance. Tomamos assento, enchendo completamente a cabana, e todas as mãos fumaram em silêncio durante algum tempo. Então, o índio cuja cabana fôra ocupada começou a discussão, e falou com apenas uma interrupção momentânea dos demais, por cerca de uma hora.

“Após êle, cinco ou seis outros falaram em rápida sucessão, e de seu timbre de voz intenso e gestos apaixonados, tão diferentes da maneira usual dos índios, pudemos depreender que estavam muito excitados.

“Não podíamos, naturalmente, entender grande coisa do que diziam, mas apanhamos o suficiente para notar que o espírito de que estavam animados não era favorável a nós. Um velho biltre, de constituição musculosa e cabelo branco como a neve, falava num tom de voz estrondoso, e seu uso freqüente do gesto de puxar a mão até o peito era particularmente agourento.

“Durante mais uma hora continuaram a discutir, e após uma pausa, disseram a seu intérprete que falasse. Êle se ergueu lentamente e caminhou através da extensão da cabana, sentando-se ao lado de Hamblin. Era um Piute, escravo dos navajos, e com êles tinham o hábito desagradável de matar algumas vezes seus intérpretes, quando não procediam conforme lhes agradava, e como o que êle estava para nos revelar não parecia resultar-nos muito afável, eu pude desculpar o tremor que sacudia todos os seus membros.

“Finalmente, êle começou num tom baixo, a dizer o seguinte: ‘Os navajos acreditavam que tudo o que Hamblin dissera na noite anterior era mentira, e achavam que êle fôra um dos participantes do morticínio, e com exceção de três pessoas, nosso hospedeiro e outros dois índios mais velhos, todos concordaram num só parecer de morte.’

“A maioria opinava que era melhor não matar meu irmão e eu, por sermos “Americanos”, mas fariam de nós testemunhas da tortura de Hamblin, e então nos mandariam embora de volta, à pé. Como não pensávamos em abandonar um camarada em semelhante circunstância, êste não era senão um pequeno conforto.

“Hamblin portava-se com admirável frieza, e nenhum músculo de sua face palpitava, nem se transtornou qualquer de seus traços, ao nos comunicar, no seu tom de voz habitual,

(continua na página 397)

SACERDÓCIO NAS MISSÕES

LANÇANDO OS FUNDAMENTOS DA REATIVAÇÃO DO SACERDÓCIO

Para um trabalho realmente eficaz de reativação, as presidências dos quoruns devem estar bem familiarizadas com todos os seus membros.

Os irmãos precisam ser reativados, para possuir a plenitude das bênçãos do sacerdócio em suas vidas, quando:

1. Não estão auxiliando e apoiando os vários programas da Igreja; ou
2. Não estão vivendo em completa harmonia com os padrões da Igreja.

Obviamente, as presidências dos quoruns devem saber se seus membros são ativos ou inativos, e ainda, se observam os padrões da Igreja ou não; devem também conhecer em que particulares, se houver, os irmãos estão deficientes e porque não estão recebendo a plenitude das bênçãos do sacerdócio.

Para adquirir um conhecimento prático dos membros do quorum, quanto a serem (1) ativos e (2) dignos, deve-se seguir dois processos padrão:

1. Preencha e mantenha em dia a informação das fichas brancas intituladas "Registro de Membro do Quorum do Sacerdócio de Melquizedec"; e
2. Faça freqüentes visitas pessoais aos membros do quorum, particularmente a visita anual de caráter confidencial.

As fichas brancas são a fonte através da qual se constata a atividade dos membros do quorum. Pela informação que contêm, a presidência será colocada a par das habilidades e obras, presentes e passadas, feitas na Igreja pelo membro.

Pelas visitas anuais, de caráter confidencial, a presidência obterá uma noção da espiritualidade do membro, depreendendo ainda a extensão em que o mesmo está afeito aos padrões de retidão pessoal que são tão essenciais na vida de um santo fiel.

Os irmãos que trabalham com os dados estatísticos do quorum devem ser instruídos a recolher e manter em dia as informações das fichas brancas. Os membros da presidência devem realizar as entrevistas anuais de caráter confidencial.

Num relatório especial ao comitê geral do sacerdócio, o quorum dos sumo-sacerdotes da Estaca South Davis, de Utah, delineou um programa muito eficiente e hábil para o desenvolvimento das entrevistas anuais, de natureza confidencial, com os membros do quorum.

Ao planejar suas visitas anuais, a presidência dêsse quorum deve saber, como todos os dirigentes de quoruns, bem informados:

1. Que as presidências de quoruns devem estar afeitas ao caráter, qualificativos e atitudes de todos os membros e suas famílias.

2. Que as presidências devem visitar freqüentemente os lares dos membros; dar-lhes louvor se o merecerem; bênção e encorajamento se o necessitarem; e ensino do evangelho, a fim de inspirar todos os familiares a guardarem os mandamentos e perseverarem até o fim.

3. Que a cada ano, uma dessas visitas pessoais terá caráter confidencial, e nela um membro da presidência se encontra com cada membro do quorum, a sós, a fim de investigar e discutir com êle a observância dos padrões da Igreja.

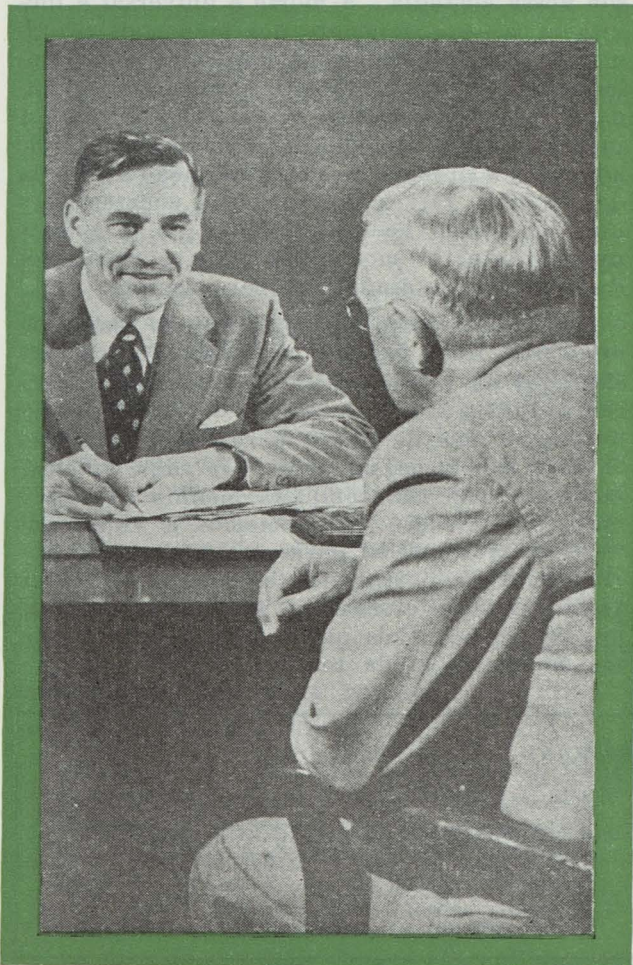
4. Que os itens que poderão com propriedade ser discutidos durante essa entrevista incluem o dízimo; a observância do sábado; o comparecimento à reunião sacramental; a abstinência completa de álcool, fumo, café e chá; o apóio das Autoridades Gerais; a abstenção de se expressar com simpatia, por palavras ou outros meios, em relação a qualquer dos grupos apóstatas que interferem com a ordem estabelecida da Igreja; a obra templária e a pesquisa genealógica; a participação ativa nos empreendimentos da Igreja e do quorum; o apóio financeiro, como de qualquer outra natureza ao programa missionário; e ainda quaisquer outros itens que se coadunem com os casos individuais.

5. Não se espera que todos êsses itens sejam discutidos em cada entrevista, nem que se formulem perguntas cujas respostas são conhecidas antecipadamente.

6. A informação relativa ao dízimo será obtida do bispo ao término do ano. Este por sua vez deverá informar a presidência quanto ao estado atual do dízimo dos membros do quorum, especificando em cada instância se o irmão em questão pagou-o completo, parcial, ou se absteve. Sob nenhuma hipótese os bispos revelarão em quanto orça o dízimo recolhido de qualquer membro. As presidências dos quoruns deverão manter estritamente confidencial a situação do dízimo de seus membros.

7. Que essas entrevistas confidenciais deverão ser conduzidas com tato, de maneira conveniente, porque destinam-se a aproximar os membros do quorum e de seus programas, e não a afastá-los.

8. Que elas, as entrevistas confidenciais, são uma ocasião ideal para que os líderes do quorum obtenham a informação necessária sobre a integridade e retidão dos membros, assim como oportunidade para aconselhar e orientar os menos ativos a apegarem-se aos mandamentos.



9. Que muitas das informações obtidas durante essa entrevista serão reportadas no relatório anual, confidencial.

Quanto ao processo sugerido pelo quorum de sumo-sacerdotes da Estaca South Davis, para conduzir essas entrevistas, relata o Irmão Arthur T. Morley, presidente do quorum: "De preferência a irmos ao lar de um irmão, ou aborda-lo na rua, assim como interpela-lo após uma reunião, enviamos-lhe uma carta convidando-o a marcar encontro com um membro da presidência do quorum.

"As entrevistas são levadas a cabo na capela da estaca. O secretário do quorum dá boas vindas ao membro, à sua chegada, e o encaminha a uma das três salas onde será entrevistado por um membro da presidência."

As entrevistas se sucedem a intervalos regulares, podendo ser completadas três, durante cada período.

Depois, avaliando os resultados obtidos por seguir este procedimento explica o Irmão Morley: "Parece-nos que tal processo coloca a entrevista num nível mais elevado. Ele prepara os irmãos para a mesma. Não temos o problema de pedir um local reservado, separado da família, como acontece quando estamos nos lares. É nossa opinião, que essa providência fez mais por nosso quorum durante 1958 do que qualquer outra atividade que planejamos.

Um modelo de convite, a ser enviado cerca de cinco dias antes da data marcada para a entrevista, é apresentado a seguir:

Querido Irmão:

Pedimos a izeza de se encontrar com um membro da presidência do quorum na próxima segunda-feira, dia de de 196 , às horas da noite.

Local:

Propósito: Entrevista confidencial anual.

Essa entrevista confidencial é um dos elementos mais construtivos de que dispomos, para erigir um quorum de grande fortaleza. Nós temos também motivos para crer que ele tenha fortalecido a muitas pessoas individualmente.

Preferiríamos não ter que ir à sua casa para a visita (exceto em caso de doença). Esta entrevista não inclui os outros membros de sua família. É uma questão exclusiva entre o Irmão e a presidência do quorum.

Este convite lhe é enviado com nossas saudações e melhores votos dentro do evangelho.

Atenciosamente,

Quorum do Sumo-Sacerdócio
Estaca South Davis."

O Tempo Está Fugindo

Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

LIÇÃO N.º 1

Preparado como suplemento à mensagem dos mestres-visitantes de Janeiro de 1961

No passado, grande parte da raça humana vivia de dia para dia, contente em deixar que o amanhã tomasse conta de si mesmo, na convicção de que o dia seguinte seria exatamente idêntico ao anterior. Assim prosseguia a vida, repetida e monótona. As atitudes revestiam-se com frequência de descuido e superficialidade; Deus e a eternidade eram considerados como garantidos, quando não fôssem ignorados por completo.

Uma tal atitude resultou sempre perigosa; em nossos dias, considera-la-íamos mesmo perigosa e pouco realista. Está evidente que as coisas não prosseguirão... não poderão prosseguir... indefinidamente "como hoje." Ainda agora, uma sensação de premência invade a vida de inúmeros conhecidos nossos, criando uma atmosfera de apreensão na qual muitos sentem que algo está para acontecer, apesar de não saberem exatamente o que. As tensões se avolumam; crescem os conflitos raciais; "ismos" competem com "ismos"; ameaças respondem a ameaças; e as escrituras falam sobre últimos dias, sobre uma purificação da terra... e sobre um milênio com tôdas as suas promessas gloriosas.

Para tanto, é óbvio que muitos não estaremos prevenidos. A despeito de tudo quanto tem sido e está sendo dito, várias pessoas ainda não podem encherger além das fronteiras da hora presente. Não sabemos quando essa ocasião decisiva nos atingirá — nem mesmo os anjos dos céus têm tal privilégio. Entretanto, não precisamos viver em ansiedade ou depressão, nem correr para o tôpo da colina mais próxima. Podemos apreciar a vida com suas muitas maravilhas, até à plenitude, porém quando... e êste é o ponto essencial... quando o dia chegar, devemos estar preparados. Arriscaremos tudo, se pretender-

mos procrastinar o dia do nosso arrependimento, a realização de boas obras e nossa preparação para o que está por vir. Devemos pôr em ordem nossas casas e nossas vidas. Agora, e não mais tarde, é a ocasião para considerarmos a história do ladrão na noite, a parábola dos talentos e a das virgens tolas.

Entretanto, a vida precisa prosseguir. Não é necessário proclamar o julgamento, contudo é preciso viver com a consciência da hora e das circunstâncias presentes. Não podemos nos conformar com apenas comer, beber e nos divertir, pois se morrermos amanhã mesmo, ainda através da morte viveremos, para prestar contas a nosso Criador, daquilo que Êle colocou sob nossa custódia. A morte é universal e inevitável, e cada momento nos leva mais próximos do fim. Êste pensamento é um tanto solene, mas a vida é curta, e aquilo que é adiado, freqüentemente não chega a ser feito. (A indecisão pode também ser uma decisão.) Se adiarmos a procura de nossa salvação até o dia de amanhã, talvez descubramos consternados que não existe nenhum amanhã;... a vida é um instante; os momentos voam, e assim nos descobrimos no limiar do para sempre.

O tempo, como nos foi dito, não tem princípio nem fim. No que concerne a nossa missão aqui na terra, contudo, podemos identificar a ambos, início e término. Não dispomos de campo nem de tempo para tudo; é preciso exercer sabedoria no preencher cada precioso momento com sua completa medida de felicidade e realização. Apreciemos a vida, pois "o homem foi feito para que tenha alegria." (2 Nefi 2:25.) Entretanto, não percamos de vista as coisas eternas — nem ao menos por um momento. Pois quem poderá dizer quantos momentos ainda teremos?

EDIÇÃO ESPECIAL

Para prolongamento do jubiloso espírito que ainda persiste entre os Santos do Brasil, como resultado da visita oficial das Autoridades Gerais em novembro último, "A Liahona" dedicará em edição especial, o exemplar de janeiro a uma cobertura completa de tôda a sua excursão pelos ramos do

Brasil, publicando ainda muitas das palavras aqui proferidas, pelos queridos visitantes. A reavivação dessas inspiradoras experiências significará sem dúvida o melhor brinde de Ano Novo que "A Liahona" poderia oferecer a todos os seus leitores.



Necrológio

Ramo de Piracicaba.

Embora decorrido algum tempo desde sua passagem para o mundo espiritual, gostaríamos de reverenciar a lembrança de nossa irmã Julia Risatto, que aos 76 anos de idade faleceu no dia 2 de maio próximo passado. Trata-se de uma serva humilde e muito leal do Senhor que entrou nas águas do batismo no dia 3 de maio de 1942. Foi o primeiro membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias convertido em Piracicaba e nos 18 anos que viveu, desde então, foi fiel e muito trabalhoso na causa do Senhor. A irmã Júlia pertenceu à Sociedade de Socorro, onde foi sempre ativa enquanto teve forças físicas para o trabalho. Foi mãe de 11 filhos dos quais criou sete, lutando só, pois ainda moça ficou viúva. A todos fez pessoas respeitáveis, dando até seu último instante um exemplo vivo de fé e confiança em Deus. A Irmã Júlia deixou, além dos filhos, 50 netos e 14 bisnetos. Ela se enviuvava, conforme explicado, bem moça, ainda com 39 anos de idade, lutando muito para criar e dirigir a tão numerosa prole. Com 56 anos casou-se novamente, mas logo se enviuvava pela segunda vez. Nunca porém perdeu a coragem de lutar. Seus últimos anos de vida foram de grande provação, pois sofria de insidiosa doença, a "diabete" e com isso padecia muito pois os pés se lhe abriam em feridas que nunca cicatrizavam. Lembrou-me certa vez de tê-la visto muito mal, com um pé gangrenado, tendo os médicos afirmado que o único recurso seria amputar-lhe aquele membro. Ela reagiu e disse fervorosamente

confiar no Senhor que a pouparia de tal coisa, e com a imposição das mãos dos élderes e sua fé inquebrantável livrou-se da experiência. Pôde vencer a infecção e ainda voltar a comungar com os membros da Igreja por algum tempo. Desde sua conversão, até enquanto teve forças, foi lavadeira dos élderes deste Ramo de Piracicaba e fazia aquele trabalho humilde com alegria, sabendo estar com isso servindo ao Senhor. Deu um grande testemunho para toda a família, a igreja e os amigos, nos seus dias de sofrimento, quando esperava a chamada do Senhor, pois a todos falava dos céus com aquela certeza de sua salvação que só o fiel servo pode ter. Entre as 40 fotografias de élderes que possuía, daquêles que por aqui passaram e deixaram com ela suas lembranças, destacamos a dedicatória de dois déles, quando assim se expressaram: "À estimada irmã Júlia. Acho mesmo formidável o seu exemplo de fé e coragem! Sei que a Sra. é abençoada por Deus e merece isso."

"Irmã Júlia, durante o tempo que passei aqui meu testemunho tem crescido muito por causa da Senhora, pois tem o poder do Evangelho e pode fazer muitas pessoas felizes." Assim, quase todos se expressaram, e nós também demonstramos o mesmo sentimento. Esta é a homenagem última que lhe desejamos prestar como suas companheiras de trabalho na Sociedade de Socorro.

Por Lucy de Freitas Ferras
Presidente da Sociedade de Socorro

Alicerce para um viver honesto

(continuação da Página 377)

As palavras vãs serão afastadas de seus serões; a presunção será calcada sob os pés.

O egoísmo será precipitado através da porta, e a entrada ficará vedada à inveja.

Os pobres não lhes implorarão em vão; um coração duro é o precursor da destruição.

A virtude e a delicadeza serão cultivados;

tudo que tem aspecto amável e bom será buscado.

Amor e respeito serão dispensados ao sacerdócio de Deus; pois nenhum lar celestial poderá ser erigido em outra presença.

A GLÓRIA DA FAMÍLIA

Assim o nosso lar mortal, aqui, nos conduzirá de volta ao lar celestial de que provemos. Desta forma a família terrena evolui e se de-

senholve numa família celestial, lá. Os espíritos que trouxermos aqui, lograrão êles próprios retornar a seu lar celestial, e construir para si mesmos um outro lar celestial, assim trazendo outros nobres espíritos a lares mortais, onde traçarão seu próprio destino. Assim a salvação estará esperando por nós e a exaltação nos cobrirá. Portanto alcançaremos a glória mais elevada.

Tudo isto advirá àqueles que, obedientes à lei do Senhor, forem unidos na Casa de Deus pela autoridade do Santo Sacerdócio de Deus. E isto não poderá advir-lhes através de outro caminho.

AOS JOVENS

E, juventude da Igreja, não curve o pescoço em desconfiança, nem enrijega suas costas em rebelião. Siga o conselho de seus pais; aí está a maior sabedoria. Resolva que o alto destino que o próprio Deus lhe oferece, seja, Deus ajudando e desejando, e Ele o deseja, o prêmio de sua vida.

O pai deve ser o cabeça da casa; porém a mãe é a rainha do lar.

... Homem de Galiléia

(continuação da página 369)

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque dêles é o reino dos céus.

“Bem-aventurados os que choram, porque êles serão consolados.

“Bem-aventurados os mansos, porque êles herdarão a terra”. (Veja em Mateus os capítulos de 5 a 7 — Sermão da Montanha.)

Com uma pausa, êle se ergue do assento tomado sobre uma grande rocha, como que para examinar a multidão.

Ê grande de estatura, perfeitamente formado, sem mancha ou defeito. Está vestido com uma túnica e traz um manto sobreposto. Sandálias calçam-lhe os pés.

Voltando a se sentar sobre a rocha, fala:

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque êles serão fartos;

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque êles alcançarão misericórdia;

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque êles verão a Deus;”

Eu encontro dificuldade em me concentrar no que está dizendo, apenas por fitá-lo.

Sua frente é lisa.

Sua pele é clara.

Os olhos são azuis.

Os cabelos longos.

A barba é castanha, tal como o cabelo.

A PARTE DA SOCIEDADE DE SOCORRO

Será necessário indicar-lhes, irmãs da Sociedade de Socorro, onde está seu mais alto dever, e não apenas seu dever como seu sublime destino? Nós os pais, não podemos fazer isso, pois não estamos para isso moldados; apenas podemos auxiliar; a grande obra é sua, pela própria natureza que vocês possuem, isto significando por desígnio e encargo divinos. Se vocês não obtiverem isto, terão falhado em seus encargos, e então o mundo estará perdido.

Que Deus lhes dê forças em grandes medidas, para atenderem a suas necessidades, e assim poderem alcançar seu maior galardão; que nossos lares sejam edificados de forma a estarem sempre banhados no calor das bênçãos de Deus; para que assim constituídos aqui, êsses lares cresçam e se desenvolvam em lares celestiais da eternidade; para que assim partilhemos, e não sejamos expulsos da gloriosa frutificação do plano de Deus, o qual não poderá ser pôsto de lado ou escarneido.

Tôda a sua configuração é perfeita.

Seus movimentos são agradáveis.

Sua voz suave é grave.*

Ouçam-no: “Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus santificado seja o teu nome;

“Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu;

“O pão nosso de cada dia nos dá hoje;...”

Será preciso repetir mais?

Vocês pais que possuem o sacerdócio, trariam uma grande bênção a suas espôsas e filhos se os reunissem ao seu redor, lendo-lhes o texto completo do Sermão da Montanha. Façam-no com frequência. Ê o maior discurso jamais pronunciado pelos lábios do homem. O mais largamente difundido entre os homens. Foi impresso em milhares de livros e citado por milhares de oradores, em milhares de pulpitos, para milhões de pessoas.

Em outra oportunidade, quando buscava reclusão, Êle dirigiu-se a um local isolado para distanciar-se das multidões. Mas o povo o encontrou, e êle os recebeu. E quando o dia começou a cair, reunindo cinco pães e dois peixes, abençoou-os alimentando cinco mil pes-

*Esta descrição a bico de pena foi feita por um mercador romano, que se deteve na Palestina, enquanto viajava para a China na Velha Estrada da Sêda.

soas. Após isso, foram recolhidas as sobras em doze cestos.

Em outra ocasião êle alimentou quatro mil pessoas, após abençoar sete pães e alguns peixes.

A alimentação dêsses milhares não foi senão um dos muitos tipos de milagre por êle realizados.

- Êle curou a lepra;
- tornou a água em vinho;
- serenou o vento;
- acalmou as ondas;
- caminhou sôbre as águas;
- curou os enfêrmos e coxos;
- expulsou os espíritos do mal;
- devolveu a vista aos cegos;
- restaurou a vida aos mortos;

A fama de seus feitos espalhou-se através de todo o mundo, chegando mesmo à Grécia e Roma, e assim, quando veio a Festa da Páscoa, Jerusalém regurgitava de pessoas de perto e longe, que haviam vindo conhecer êsse maravilhoso homem da Galiléia. E não foram desapontados. Do alto do Monte das Oliveiras, através das ruas de Jerusalém, Jesus passou cavalgando um pequeno jumento.

Sua passagem foi forrada de flôres, fôlhas de palmeira e mantos dos que assistiam aquela entrada, e que cantavam:

“Hosana, Filho de Davi:

“Bendito o que vem em nome do Senhor:

“Hosana nas alturas.” (Marcos 11:9-10.)

Presenciando a passagem, eu fantasio, encontram-se dois escravos, presos de obstinada curiosidade.

“Quem é êle?” pergunta um.

“Não sei.” é a resposta.

“Êle é um rei?”

“Não, êle não é rei.”

“Então está louco?”

“Não, êle não enlouqueceu.”

“Não sei ao certo — mas não é um rei — é alguma coisa de ainda maior.”

Nem todos os que presenciavam sua entrada triunfal em Jerusalém eram seus amigos. Membros do Sinédrio, perturbados pelos milagres e pregações de Jesus, e alarmadíssimos com sua crescente popularidade entre o povo, pactuaram então seu encarceramento — e mesmo a sua morte. Poucas horas mais tarde, subornaram um de seus apóstolos com trinta moedas de prata, para que o traísse. Depois de um julgamento de zombarias, ilegal e irregular, promovido à noite, enquanto dormiam seus amigos do povo, êle foi flagelado e depois arrastado até um lugar denominado Calvário, onde finalmente o crucificaram. Entre suas últimas palavras encontramos as seguin-

tes: “Pai, perdôa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Lucas 23:34.)

Ao anoitecer se iniciava o Sábado do Senhor seu Deus. Para impedir que a presença daquele corpo na cruz viesse a profanar o dia santificado, seu corpo foi retirado dali às pressas, e sepultado numa tumba emprestada, onde jazeu por três dias.

Já ressuscitado, visitou ainda durante quarenta dias seus discípulos.

Em certa ocasião, enquanto caminhava com êles por uma estrada solitária, deteve-se para abençoá-los, e então, em sua presença, ascendeu aos céus. Ao desaparecer, mensageiros celestiais anunciavam:

“...Varões galileus, porque estais olhando para o céu? Êsse Jesus que d'entre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.” (Atos 1:11.)

De onde veio Jesus de Nazaré — êsse homem da Galiléia?

Trinta anos antes de inciar o ministério, Maria, sua mãe, que esperava um filho, já em trabalhos de parto chegava a Belém.

Vinha de fazer uma longa jornada, no lombo de um jumento, quando não a pé. Ao chegarem, não haviam mais lugar para ela na hospedaria em que pensava se abrigar, e ninguém mais, em todos os arredores lhe queria oferecer lugar para ficar. Portanto, agestaram-lhe uma cama de capim, na mangedoura de um estábulo das proximidades.

Lá, Jesus de Nazaré nasceu. O gado que se abrigava também na estrebaria foi o primeiro a ouvir o choro do infante.

“Ora havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.

“E eis que o anjo do Senhor veio sôbre êles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

“E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:

“Pois, na cidade de David vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo o Senhor.

“E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa mangedoura.” (Lucas 2:8-12.)

Lá, na mangedoura, os pastores o encontraram.

Depois os sábios do oriente presentearam-no com dádivas de ouro, incenso e mirra.

Se Jesus tivesse vindo, como êsses homens sábios, montado num camelo, e carregando ouro, incenso e mirra, com uma corôa na cabeça, teria sido, indubitavelmente aceito como rei dos judeus.

Sua chegada tinha sido longamente aguardada, mas não conseguiram aceitar a alguém nascido em uma mangedoura, em tão humildes condições.

E eis que o Messias veio à luz — nascendo longe do lar, na obscuridade.

Ele pregou — o mais lúcido e claro professor das profundas verdades que jamais habitou entre os homens.

Ele curou —

Ele chamou seguidores após si — e mesmo apóstolos.

Ele sofreu — foi traído, negado e abandonado.

Ele morreu — uma morte terrível sobre a cruz.

Ele ressuscitou — após três dias na tumba.

Ele vive.

Ele voltará novamente.

Ouçã; estas palavras lhe pertencem:

“Eu sou do alto.

Desci dos céus.

Todo o poder me é dado.

Eu sou a luz.

Pedi em meu nome.

Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Eu sou o caminho.

Guardai meus mandamentos.

Eu sou o Senhor do Sábado.

Sou maior do que o templo.

Eu sou a vida.

Sou a ressurreição e a vida.

Eu sou a verdade.

Céus e terra passarão, mas minhas palavras não passarão.

Eu me levantarei dos mortos.

Quem me vê a mim, vê o Pai.

Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem pois eu o sou.”

“Eu sei”, disse a mulher que estava na fonte, “que o Messias vem, o qual é chamado Cristo.”

Respondeu-lhe Jesus — “Eu o sou, eu que falo contigo.” (João 4:25-26.)

Ezra Taft Benson

(Continuação da página 375)

ses. Ouvindo-os a cantar e prestar seu testemunho, senti a certeza de que se todos fôssemos membros da Igreja, não poderia haver guerras. E por certo, a única coisa que poderá trazer paz permanente, será o implantar-se nos corações de todos os homens aquêle espírito de paz que apenas pode advir do Evangelho, essa mensagem da concórdia. Como

Quando Caifás arguiu — “Diga-nos se tu és o Cristo, o Filho de Deus.”

A resposta de Jesus foi — “Tu o disseste.” (Mat. 26:63-64.)

Aproximadamente dois mil anos se passaram, e ninguém jamais reinou, serviu ou sonhou de forma a tocar e moldar mais intensamente a vida humana. Ele é o ideal — o exemplo — a maior, mais inalterável, completa e construtiva influência num mundo repleto de sangue e lágrimas. Os livros acêra de sua vida enchem bibliotecas; o nome dos faraós, césaes, imperadores e reis de tôdas as idades que vêm e vão, não passam de fantasmas sobre uma página impressa. Suas legiões fizeram-se em pó. Suas orgulhosas armadas foram sepultadas sob um túmulo de água.”

“Mas esta única vida sobrepuja a tôdas em poder. Sua influência é a esperança dos anos futuros.”

Numa côrte romana, mais ou menos dois mil anos atrás, o cético Pôncio Pilatos interpelou Jesus: “Tu és rei?”

E obteve a resposta: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade.”

O perplexo Pilatos retorquiu: “E que é a verdade?” (João 18:37-38.)

A verdade, irmão e irmãs é, — e isto eu o digo solenemente — o testemunho que agora presto: Jesus, o homem da Galiléia, é Cristo, o Filho de Deus Vivo.

Pilatos ainda falou: “Que farei com êste homem?”

O que êle fêz é histórico. Agora, vinte séculos depois, — que fariam vocês, irmãos, irmãs e amigos, com êsse homem?

Eu por mim o aceito como o Filho de Deus.

Ele é o filho literal do Deus Vivo — eis meu testemunho — e eu o declaro intrépida ainda que humildemente, no nome de Jesus Cristo. Amém.

membros da Igreja, somos seguidores de Jesus Cristo, o Príncipe da Paz.

Eu me recordo de que quando desembarcamos em Ankor, na Turquia, pensávamos não encontrar nenhum membro lá, porém o Embaixador nos disse, “Existem aqui 25 de seus membros que desejam vir à Embaixada para visita-lo.”

E quando nosso avião aterrisou em Hong-Kong, havia uma grande faixa na parte fronteira do edificio com a inscrição, “Bemvindo Apóstolo Ezra Taft Benson e acompanhantes”.

Mais tarde, diversos membros dirigiram-se até o avião e pudemos falar com muitos membros e missionários. Assim tem sido em muitas terras por onde viajei.

Mesmo no Líbano, fomos convidados a visitar uma reunião da Escola Dominical, e nós não tínhamos registro de quaisquer membros lá. Para nossa grande surpresa, o homem que dirigia a reunião era um elder de nossa Igreja.

Por isso, descobri que os filhos de nosso Pai Celestial são muito semelhantes, onde quer que os encontremos. Naturalmente, se aceitaram o Evangelho, são ainda muito mais parecidos, mas os filhos de nosso Pai, em tôdas as partes, são pessoas boas que desejam agir bem, anseiam pela paz e amam suas famílias e lares. Pessoas que esperam melhorar seu padrão de vida, para viver como irmãos e vizinhos em espírito de fraternidade.

Alguns, é verdade, têm maus dirigentes. Nós estivemos na Rússia, o ano passado. Lá, vimos pessoas empenhadas em seus trabalhos, nos campos, nas estradas, nas lojas e lares, e suas expressões indicam que desejam viver em paz e têm liderança mal orientada.

Após termos passado lá dois ou três dias, eu disse ao Ministro da Agricultura, "Snr. M., o povo da Rússia é um povo bom. Após ter terminado meu trabalho como Secretário da Agricultura, em Janeiro do próximo ano, desejaria poder voltar à Rússia e ir através dela, promovendo reuniões e falando ao povo. Ser-me-ia garantido tal privilégio?" Ele respondeu, "Eu não sei. Isto é pedir demais." Mas eu gostaria de fazê-lo. Adoraria ensinar-lhes o Evangelho, mesmo que vivam numa terra onde não há liberdade de religião; terra em que por muitos anos se vem ensinando o ateísmo nas escolas. Entretanto, dentro de seus corações o povo deseja adorar.

Eu tive o prazer de falar a um grande grupo de pessoas, na Igreja de Moscou. A maioria dos presentes eram pessoas velhas, porque se os jovens forem à Igreja poderão perder o emprêgo. Portanto, um jovem pai precisa praticamente escolher entre a religião e o pão para sua família.

Foi-nos dito que as crianças aprendem ateísmo nas escolas durante todo o dia, e quando retornam a casa, à noite, seus pais procuram salientar a importância da crença em Deus. De tal forma, aparece um conflito entre o que ensina o governo e o que ensinam os pais.

Meu coração se confrange por aquêlo povo, e por qualquer povo que não tenha liberdade de escolha, pois a liberdade de escolha

é um princípio básico e eterno. O Senhor tornou muito claro que seus filhos não deveriam viver em sujeição uns aos outros. Era propósito de nosso Pai Celestial que todos os seus filhos tivessem liberdade de escolha, e todos nós somos irmãos e irmãs. As Escrituras nos relatam que Deus fêz de um só sangue tôda a humanidade. Ele é o pai de nossos espíritos. As escrituras também nos dizem que temos pais na carne. Sendo sujeitos a nossos pais na carne, quanto mais não deveríamos ser sujeitos ao Pai de nossos espíritos, vivendo e demonstrando em cada ato que somos irmãos e irmãs?

Eu aguardo esperançosamente o tempo em que o Evangelho esteja sendo pregado em tôdas as nações da terra. Com os modernos meios de comunicação e transporte, milagres poderão ser realizados do dia para a noite no levar o Evangelho aos filhos de Deus. Está em nossas mãos, irmãos e irmãs, a mais importante mensagem que jamais chegou a êste mundo desde a ressurreição do Mestre. É a mensagem do Evangelho Restaurado. Ele é a verdade. É o plano de Salvação. Esta é a única e verdadeira igreja sôbre a face da terra. Estas palavras não são minhas. São do Senhor Jesus Cristo ao Profeta Joseph e nós temos a obrigação, o privilégio e a grande responsabilidade de levar avante essa mensagem do Evangelho Restaurado. Estamos vivendo nos últimos dias. Grandes eventos já transpiram e outros ainda maiores ocorrerão, alguns dos quais afetarão a terra inteira.

Há pouco tempo, com Sister Benson e uma de nossas filhas, visitei a nação de Israel. Na verdade isto se deu em julho passado. Enquanto estava lá, considerei diante de meus próprios olhos o cumprimento da profecia, e no entanto, o mundo cristão de fora da igreja presta muito pouca atenção ao que lá se processa. E há pessoas que dizem, "Oh, se ao menos eu tivesse vivido no tempo em que se cumpriam as profecias." As predições de Isaías e Jeremias estão sendo cumpridas.

Vocês devem recordar-se de que as escrituras destacam três tipos de coligação nos últimos dias. A reunião de Israel aqui na terra de Sião é uma. O Brasil é uma parte da terra de Sião, porque o profeta disse que Sião é a América, tanto norte como sul. Assim, Israel tem se dirigido para Sião, e Judah se vai reunindo na terra de Palestina, e então, a terceira parte será a vinda das Tribos Perdidas desde as terras do norte, para receber suas bênçãos das mãos do Efraim, o que quer dizer das mãos dos membros da Igreja, o Sacerdócio da Igreja.

Foi muito significativo para nós, e especialmente para mim — pois esta era a minha segunda visita a Israel desde a guerra. — verificar a fôrça do espírito de reunião que domina o povo de Casa de Israel. Sentimos um espírito de dedicação e devoção que é muito real. Eles crêem que estão cumprindo as profecias do Velho Testamento, e que vencerão, quaisquer que sejam as perseguições.

Lembro-me de que logo após a guerra, passei um ano na Europa devastada pela luta, a pedido do Presidente. Eu fiquei lá para ajudar a soerguer nossas missões e estabelecer um programa de distribuição de suprimentos pelo plano de bem-estar; alimento, roupas e medicamentos. Encontrei muitos judeus. Por aquela ocasião eles se reuniam em grupos dispersos, e todos, sem excessão, estavam procurando chegar à Terra Santa. Eu perguntei a alguns, porque desejavam ir para a Terra Santa, e me lembrei de inquirir de uma moça de 20 anos, se ela não preferia ir para os Estados Unidos. Ela respondeu, “Eu iria para os Estados Unidos se isso significasse que poderia chegar mais depressa à Palestina.” Todos afirmaram que a Palestina era seu lar futuro. “Nós não sabemos porque estamos indo, mas temos urgência de chegar.” Os Santos dos Últimos Dias sabem porque essa pressa, e como me disse o Presidente de Israel e outros líderes governamentais, não existe povo que melhor compreenda os judeus do que os Santos dos Últimos Dias.

Há mais de 100 anos atrás, em 1841, o Profeta Joseph Smith enviou um membro do Conselho dos Doze à Terra Santa, para dedicá-la com fito no retôrno dos judeus, e o Irmão Orson Hyde, numa maravilhosa manhã de domingo subiu ao topo do Monte das Oliveiras, e lá dedicou a terra para a volta do povo judeu. Desde então, o povo mórmon tem sabido que os judeus retornariam à Palestina. Este é um dos grandes eventos anunciados para antes do retôrno de Cristo.

Existem mais de 2.000.000 de pessoas em Israel presentemente, e milhares de outros chegam todos os meses. Assim, a coligação de Judah está se processando, e eu espero que sejamos convidados a levar o evangelho restaurado a eles, assim como aos povos de muitas outras nações às quais visitei nos passados sete anos.

Sim, queridos irmãos e irmãs, o Evangelho foi restaurado à terra. A gloriosa e primeira visão é o maior evento que ocorreu neste mundo, desde a ressurreição do Mestre. Eu pensei nisto ontem, enquanto olhava para o

tôpo destas altas montanhas e vi lá uma figura representando Cristo, e pensei no quão maravilhoso seria se pudéssemos ter, no tôpo de alguma dessas montanhas, um monumento representando a vinda do Pai e do Filho até Joseph, o profeta, aqui neste hemisfério em 1820.

Eu tenho perante mim, agora, o relato que Joseph Smith fez daquela gloriosa aparição. Desejaria que cada um dos filhos de nosso Pai pudesse ter um testemunho da realidade daquela maravilhosa visão. Muitos de vocês terão ouvido falar do relato. Terão lido a forma porque êsse rapazinho, perturbado pelas seitas diversas em conflito, leu na Bíblia que qualquer pessoa com falta de sabedoria deveria pedí-la a Deus, e então se dirigiu ao bosque para orar, recebendo, depois de quase ser sobrepujado pelas fôrças do mal, uma visão que assim relata: “Logo após êste aparecimento, senti-me livre do inimigo que me havia sujeitado. Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse apontando para o outro: “Êste é o Meu Filho Amado. Ouvi-O.” Foi então que Joseph Smith, que fôra escolhido para ser o profeta desta última dispensação do evangelho, recebeu a verdade, e assim encontrou resposta a suas preces, sendo depois informado de que deveria ser instrumento nas mãos de Deus, para a restauração da Verdadeira Igreja de Cristo à terra, possuindo o mesmo poder, autoridade e profetas que existiram na primitiva Igreja.

Eis, meus queridos irmãos, nossa mensagem ao mundo — de que Deus voltou a falar dos Céus — de que Seu Filho Jesus Cristo apareceu a um homem — de que outros seres, ressuscitados em glória, se manifestaram, e tôdas as coisas das passadas dispensações foram reunidas em uma; o Evangelho está de novo sobre a terra, para benefício e bênção dos filhos de nosso Pai.

Eu sei que estas coisas são verdadeiras, e mais de um milhão de Santos dos Últimos Dias testificam que elas são exatas. Nenhum outro grupo de pessoas em tôda a história do mundo teve jamais uma mensagem tão importante para transmitir aos filhos de nosso Pai Celestial.

Antes de terminar, desejaria citar algo de Doutrina e Convênios. Doutrina e Convênios é um volume de escrituras modernas — revelações dadas ao Profeta Joseph e outros empenhados no estabelecimento da obra de nosso

Pai, nêstes últimos dias. Quando os élderes da Igreja consideraram a possibilidade de publicar essas revelações ao mundo, o Senhor deu uma revelação ao Profeta Joseph, à qual êle chama seu prefácio ou introdução ao Livro de Mandamentos, e conquanto esta não tenha sido a primeira revelação recebida, foi colocada na frente das demais no livro de Mandamentos. Agora, considere estas palavras que foram dadas a Joseph Smith por Jesus Cristo. Elas indicam que o livro não se destina apenas ao manuseio dos membros batizados, mas é uma mensagem a todo o mundo.

“Escutai, ó povo de Minha igreja, diz a voz dAquele que habita no alto e cujos olhos estão sôbre todos os homens; sim, na verdade vos digo: Escutai, ó povos de terras longínquas, e vós que habitais as ilhas do mar, escutai juntamente.

“Pois na verdade, a voz do Senhor se dirige a todos os homens, e ninguém escapará e não há ôlho que não verá, nem ouvido que não ouvirá, nem coração que não será penetrado.” (Seção 1:1-2.) E mais tarde, na mesma revelação, Êle falou a seus discípulos,

que haveriam de levar tal mensagem ao mundo, dizendo: “Pois êles irão avante e ninguém os impedirá, pois Eu, o Senhor, os mandei.” (Seção 1:5.) Tal é a mensagem de Jesus Cristo aos filhos de Deus, e a nós foi dada a responsabilidade de levá-la ao mundo juntamente com a gloriosa promessa de que não seremos impedidos, mas o Senhor apoiará os seus servos.

Eu lhes presto testemunho, nesta manhã, irmãos e irmãs, de que tais coisas, de fato são verdadeiras. Eu sei, tão bem quanto sei que existo, que Deus vive e que é o Pai de nossos espíritos, que Jesus é o Cristo, o redentor do mundo; não apenas um grande professor de ética, mas o salvador da humanidade. E testifico-lhes que Deus, o Pai e seu Filho apareceram de fato a Joseph Smith, o Profeta, e a autoridade e plenitude do Evangelho estão novamente sôbre a terra.

Possa o Senhor abençoar Seus filhos com a oportunidade de ouvir essa mensagem e a coragem e sabedoria de aceitá-la, pois lhes testifico que ela é verdadeira, eu rogo em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Toque de Midas

(continuação da página 373)

Você sabia que eu ansiava pelo sorriso do seu rosto,

Pelo som de sua voz em meus ouvidos a vibrar? Você sabia que eu cresci mais forte e disposto simplesmente porque meu ombro pôde um dia o seu tocar?

Estou contente por viver e batalhar na lida, Abrir caminho e achar um lugar Agradecido até pelos pesares, que enfrento sorrindo,

Saúde ou doença, o que me queiram os fados enviar.

Talvez não seja rico, talvez não seja grande Mas de sinceridade meu ser se enriqueceu, Pela coragem nascida da lembrança Do seu ombro a esbarrar no meu.

Autor desconhecido.

Eis uma emocionante aplicação do toque de ouro. Usualmente apreendemos melhor uma idéia quando podemos considerá-la em ambos os aspectos, negativo e positivo. Assim sendo, há pessoas que têm a qualidade oposta ao toque de ouro, um toque que avilta, enegrece e destrói. O grande exemplo dêsse toque mortífero foi Lúcifer, a outrora brilhante Estrêla da Manhã. Sua própria vida foi reves-

tida de rebelião, e êle atirou sua satânica influência sôbre os amigos, desviando um têrço de tôdas as hostes celestiais para que o ajudassem a pagar por seus pecados. Já foi estimado que cêrea de oito bilhões de pessoas viveram sôbre a terra, desde os tempos de nosso pai Adão. Mesmo que não seja uma computação muito exata, ainda assim nos auxilia a avaliar o extenso número de espíritos que estavam no conselho dos céus, um têrço do qual, sob o toque de Satanás, perdeu tôda esperança de receber um corpo e uma redenção. Não se pode atribuir a Satanás a inteira responsabilidade, pois cada qual responde por seus próprios atos, mas no entanto, foi seu toque mortífero que desencadeou êsse processo de condenação.

Há ainda outras pessoas que tentam seus amigos, em menor escala, por sedução e influência pessoal. Conheço por exemplo um rapaz de vinte e nove anos que veio a Salt Lake City em busca de emprêgo. Sua aparência era excelente, e êle tinha uma fina educação. Entretanto, já tinha estado casado três vêzes. Suas três ex-espôsas, cheias de amargura, faziam-no perseguir pela lei através de todo o país, a fim de conseguir dinheiro para o sustento de seus filhos. Entretanto, êle estava determinado a que, acontecesse o que acontecesse, elas não conseguiriam obter um centavo que fôsse. Êsse homem não pode ser persuadido a agir

bem nem ao menos com aquêles a quem causou mal. Como consequência, essas três mulheres perderam a fé na natureza humana; seus filhos se desenvolverão odiando o próprio pai. Nos próximos vinte anos, êle provavelmente desposará ainda diversas mulheres, e onde quer que vá, deixará igualmente a marca de uma nódoa e decadência. Um rastro de tristeza, trevas e desespero se formará em todos os lugares em que a poluição de seu toque for sentida.

Há inúmeros pessoas cuja vida tende a adquirir essa característica. Elas emprestarão dinheiro sem a intensão de pagar, e se você tentar auxiliá-las, interpretarão mal sua ação. Dê-lhe uma informação e será mal compreendido; empreste-lhe sua confiança e êle o trairá. Onde quer que êle ponha as mãos imundas, afungentará a felicidade e matará o entusiasmo. Êle deixa atrás de si podridão e cicatrizes. As pessoas ficam piores porque chegaram a conhecê-lo. Acêrea dêstes, Deus disse que "Seria melhor para êles que não tivessem nascido;..." (D. & C. 76:32.) Isto é, mesmo Deus admite a perda de certas pessoas.

E agora, após êsse panorama negativo, suponha que façamos uma análise de nossa própria liderança. Talvez não possamos classificar o mal de ninguém como completamente negro, nem talvez a bondade como de um branco puro. Cada um de nós evidenciará por certo uma sombra escura, pois nossa liderança também é feita de gradações. É muito importante verificar se um líder está perdendo dez, vinte, quarenta ou oitenta por cento das pessoas que poderia estar conseguindo. Para nós fica bem cômodo atirar a culpa sôbre certos fatores contribuintes, tais como pobreza de condições no lar, maus hábitos, etc., daquêles que estão sob nossa direção. Mas qualquer líder digno dêsse nome será o primeiro responsável. O comportamento e progresso de nossos liderados, são provavelmente os únicos padrões de medida para avaliarmos o estado real de nossa liderança. Não seria maravilhoso desenvolvermos em nós próprios aquêle tipo de direção que obtém cem por cento de resultado?

Há muitos que se aproximam dessa meta. Existem Mestres Visitantes que completam cem por cento das visitas e sempre deixam as famílias determinadas, ativas e cheias de inspiração. Há outros oficiais que também conseguem o mesmo, mas Jesus ainda é nosso melhor exemplo. Os pecadores e publicanos floreciam sob seu toque, transformando-se em santos e apóstolos. Êle transformou um grupo de homens comuns em categorizados missionários e evangelistas. Qualquer que tenha seguido a

Jesus obteve vantagem; e todos os que seguiram a Lúcifer, só tiveram a perder. Onde nos encontramos dentro dessa gradação?

Eis alguns tópicos que nos convém considerar:

1. Midas ganhou seu dom porque o desejava. Êste é o primeiro requisito para qualquer realização. Nenhum dote valioso é jamais recebido por quem não o deseja. Porém qualquer desejo razoável que tenhamos — até mesmo o toque de ouro — poderemos alcançar, se êsse desejo tiver a intensidade necessária.

2. Nós nos devemos preparar para receber a dádiva. Jesus disse, "Que aproveita a um homem ser-lhe concedido um dom, se êle não o recebe?" Muitos de nós fracassamos por não estarmos preparados para a recepção do dom que nos é concedido. É lógico que nenhuma grande qualidade poderá ser concedida a alguém que seja desonesto, imoral, indolente, ou que adote uma atitude negativa, recusando-se a estudar. Precisamos preparar-nos para receber o dom em solo fértil, bem cultivado e fertilizado, e em clima propício.

3. Aqui está outra boa regra para seguirmos. Sempre procure, começando por agora, que ninguém sofra qualquer perda por sua culpa — seja mental, moral, social ou financeira. Se deseja possuir o toque de ouro, apenas certifique-se de que de agora em diante, todos quantos convivam com você demonstrem algum progresso ou recebam um benefício. Maus negociantes procuram tirar o máximo e dar o menos possível. Seu sucesso é sempre fictício. Os triunfadores são aquêles que procuram prestar mais serviço; os que dariam mais do que o que recebem; êles percorreriam a segunda milha.

Jacob batalhou com um anjo e não o deixou ir até que lhe concedesse uma bênção. Não permita que qualquer dos seus conhecidos se afaste sem lhe haver concedido uma bênção. Talvez sejam algumas idéias ou encorajamento. Pode ser também um pouco de bondade. Inspire-lhe a fé ou dê um bom exemplo, ensinando alguma verdade. Certifique-se de que Deus obtém proveito de seu contacto com as outras pessoas. Ore como Peter Marshall, "Oh Senhor, ajude-nos a ser parte da solução, não do problema."

Os antigos alquimistas fracassaram no transmutar os elementos inferiores nos de maior valor, mas não existe qualquer motivo para que você fracasse também. A Igreja tem sido chamada uma igreja transformadora. Ela modifica as pessoas. Seu único propósito é transformar o mal em bem, conduzindo as pessoas de um plano inferior a um degrau mais

alto. Você também pode ser “um líder em evolução”, levando as pessoas do fracasso ao sucesso. O Rei Midas teve na realidade uma grande idéia. Ele fracassou, mas você pode triunfar. Não há maior satisfação do que a

de dar, e nenhuma liderança é mais eficaz do que a que toca as vidas com idéias, fé e amor; para depois vê-las florescer sob seu toque. Você pode transformar o pior da vida em refulgente, brilhante, belo e valioso “ouro”.

Fé Essa Conquistadora

(continuação da página 385)

o que então acreditávamos plenamente significar morte certa para todos nós.

“Quando o intérprete parou, êle, no mesmo tom calmo e maneira socegada, começou sua réplica. Recordou aos índios sua antiga relação com aquelas tribos, as muitas negociações que havia conduzido entre seu povo e o dêles, e seus muitos tratados nos anos idos, desafiando-os a provar que jamais os tivesse enganado — que jamais tivesse falado com língua bifurcada de serpente. Desenhou um mapa da região nos arredores, e lhes demonstrou a impossibilidade de ser participante do atentado.

“À insolente inquisição que lhe fizeram, ‘Imme-cotch navaggy?’ (não está com medo?), êle replicou com admirável presença de espírito, ‘Porque estar com medo de meus amigos? Não são os navajos nossos amigos, e nós amigos dêles? Se não fôsse assim, porque nos colocaríamos em suas mãos?’

“Êle falou durante longo tempo e apesar de ser freqüente e rudemente interrompido sua paciência e contrôle nunca o abandonaram, e quando cessou, era evidente que seu arazoamento não ficara sem afetar o íntimo obstinado dos guerreiros. Porém a boa influência foi de curta duração.

“Um jovem índio, que mais tarde viemos a saber ser filho do chefe, e irmão de dois dos moços assassinados, dirigiu-se aos guerreiros reunidos, e podíamos ver que a maré estava-se voltando atemorizadamente contra nós. Êle prosseguiu sua arenga apaixonada erguendo-se sobre seus pés, e apontando para um índio que não tinha ainda falado, chamou-o à frente. O índio veio e se ajoelhou diante dêle; enquanto com uma das mãos lhe arrancava o traje de caça, para revelar a marca de um recente buraco de bala, com a outra mão apontava para o fogo, proferindo, ou melhor, sibilando algumas palavras enfáticas que, mais tarde soubemos, exigiam morte imediata pelo fogo.

“O efeito foi elétrico. A cicatriz do braço atingido esquentou seu ânimo até o auge, e quando relanceamos o olhar pelo círculo de selvagens, nossas mãos apertaram involuntariamente o cabo do revólver, pois parecia que nossa hora havia chegado.

riamente o cabo do revólver, pois parecia que nossa hora havia chegado.

“Tivéssemos nós evidenciado um sintoma de medo, e estaríamos perdidos, mas nós permanecemos sentados, perfeitamente calmos, sustentando o olhar do inimigo. Foi uma cena impressionante. A forma ereta, orgulhosa e atlética do jovem chefe, enquanto apontava para o ferimento da figura ajoelhada diante dêle; o círculo de vultos alertas; suas caras pintadas, animadas por cada paixão que o ódio e a ferocidade podem inspirar, e seus olhos faiscantes, fixados com impulso maligno sobre nós; a cena parcialmente iluminada pelo irriquieta bruxolear das chamas (pois já então era escuro), formava um quadro que não se esquece facilmente.

“O suspense foi quebrado pelo navajo, nosso hospedeiro, que ainda uma vez ergueu a voz em nosso favor, e após uma tormentosa discussão, Hamblin finalmente compeliu-os a admitir que êle havia sido sempre seu amigo; que nunca lhes havia mentido, e que era digno de crédito agora.

“A tensão tinha-se dissipado, e respirávamos livremente ainda uma vez. Fumamos o cachimbo da paz, e sendo assado logo um cabrito, caímos em cima dêle com vontade, mastigando juntos os bocados, tão amigavelmente como se êles não tivessem tido intensão, apenas alguns minutos atrás, de assar-nos em lugar do cabrito.

“Então, já era meia-noite passada, tendo-se prolongado a discussão por umas onze horas. Nunca estive tão cansado em tôda a minha vida. Onze horas em uma posição parcialmente reclinada, num recinto superlotado, com cada nervo a vibrar em sua mais alta tensão, e esperando a cada momento um desenlace fatal, constituem uma situação intolerável.

“Após o jantar, Hamblin conseguiu que nos deixassem partir pela manhã, aguardando numa aldeia o retôrno do chefe, em busca do qual os índios prometeram enviar um mensageiro de confiança. Dormimos em turnos, até que raiou o dia, quando acenamos adeus a nossos benevolentes amigos, partindo para Mowabby, onde chegamos lá pelas oito horas da noite, para grande alegria de Boyd e Pattie, que já nos davam por perdidos.

“Isto se deu cinco dias atrás, e hoje o

chefe navajo chegou aqui; após uma longa discussão, concordou em dar por encerrado o assunto, recebendo um certo número de gado e cavalos; mas suas exigências são tão exorbitantes, que, estou seguro, nunca obterão o que pretendem .

“O Snr. Hamblin parte amanhã de manhã para São George, para expor o assunto perante Brigham Young, e êle deverá encontrar os chefes aqui mesmo, com uma resposta a suas exigências, em vinte e cinco dias a contar de hoje.

* * *

“Nós provàvelmente visitaremos, no curso da viagem, a aldeia dos oribas, um povo que constrói casas de pedra de três andares, e cujo pior têrmo de reprovação, um ao outro, é ‘preguiçoso’.

* * *

“Em conclusão, desejo testemunhar-lhe, que o procedimento do Snr. Hamblin durante

as terríveis cenas que procurei descrever foi o seguinte: Nenhum homem mais valente jamais existiu.

J.E.S.”

O escritor dessa carta e seu irmão, tiveram um papel diferente do meu na questão, e representaram-no muito bem.

Êle descreve muitas coisas melhor do que eu. Como já salientei antes, desde que comecei a ter uma correta noção do caráter dos índios, senti-me ansioso por ajudá-los o melhor que pudesse, e sempre procurei agitar as dificuldades com êles sem derramamento de sangue.

Muito bem resultou sempre, eu tenho certeza, da penetração em seu meio, para arrazoar com êles, quando suas mentes se predispunham a vingar algum êrro. Com os índios, eu arrazo como um índio.

(continua no próximo mês)

Reminiscências

MISSIONÁRIOS DESOBRIGADOS DAS MISSÕES BRASILEIRAS



SISTER
Mary Lou Ovard



ELDER
Richard R. Tolman



SISTER
Norma Whitehead



SISTER
Geraldine Burningham



SISTER
Lola Ann Gygi

O FUMO ARROLADO COMO CAUSA

Durante os últimos anos em que os fumantes têm tentado desmentir as acusações relativas à conexão existente entre o uso do fumo e a incidência do câncer nos pulmões, procurou-se cuidadosamente evitar a afirmativa de que o fumo é o causador da moléstia.

Agora todavia, quatro grandes e conceituadas organizações, mundialmente conhecidas, estigmatizaram o fumo como causa daquela enfermidade.

A "United Press" transmitiu o seguinte artigo sobre o assunto:

"O Atlanta Constitution publicou com exclusividade uma mensagem patrocinada por 4 agências de saúde, a qual afirma categoricamente que a fumaça do cigarro provoca o câncer pulmonar.

O Constitution diz que a mensagem é confidencial e ainda não foi oficialmente revelada, mas estabelece o mais positivo elo jamais descoberto por qualquer grupo de cientistas, entre o fumo e o câncer pulmonar.

Todavia, segundo diz o Constitution, não foi encontrada evidência convincente de que seja ele a causa da moléstia cardíaca.

A mensagem foi redigida por um grupo de estudiosos, sob o patrocínio da American Cancer Society, do National Cancer Institute, American Heart Association e National Heart Institute.

Um conselho de sete renomados cientistas americanos aprovou a mensagem, mas as quatro agências patrocinadoras ainda não o fizeram, afirma o Constitution, pois estão introduzindo pequenas modificações em sua redação final.

A soma de todas as evidências científicas estabelece, fora de dúvida, que o fumo do cigarro é um fator origem do rápido aumento de incidência do "epidermoid carcinoma" (câncer do pulmão).

O câncer pulmonar ocorre muito mais freqüentemente (de 5 a 15 vezes mais) entre os fumantes do que entre os abstêmios, e há uma relação direta entre a incidência da moléstia e a intensidade do uso do fumo.

Calcula-se, tomando por base a duração da vida, que, de cada 10 homens que fumam mais de 2 cartelas de cigarro por dia, um morre de câncer pulmonar. Em comparação, o risco entre os abstêmios é de 1 por 175.

Em sua mensagem os cientistas urgem que os pesquisadores encontrem e, se possível, eliminem a substância que, no fumo ou na fumaça do cigarro, acreditam ser a causa do câncer pulmonar.

Sugeriram, outrossim, estudos sobre os possíveis efeitos que o fato de alguém deixar de fumar, exerce sobre o câncer do pulmão e que relação pode existir entre fumantes e abstêmios e a ocorrência da moléstia.

As diferenças entre fumantes e abstêmios, propostas para estudo, são físicas, sociológicas e psicológicas, diz a mensagem.

O grupo de estudiosos que redigiu a mensagem foi organizado em junho de 1956, por sugestão das 4 agências, 'para reexaminar os problemas dos efeitos do fumo sobre a saúde e, recomendar o incremento das pesquisas mais necessárias.'

A Sociedade Americana do Câncer citou no passado, evidências relacionando o câncer pulmonar com o fumo; jamais afirmou, todavia, que fôsse o fumo a causa daquela enfermidade.

Os cientistas frisaram, entretanto, que o fumo do cigarro não pode ser culpado de todos os casos de câncer do pulmão. Declararam que os estudos indicavam outras causas, inclusive a poluição do ar.

Quando tanto dinheiro acha-se envolvido, como acontece com a indústria do fumo, há razões fortes, por parte de muitos, para fugir aos fatos, distorcê-los, ou tentar refutá-los."

Agora que tantas evidências apareceram contra o fumo, por que motivo homens e mulheres, tão razoáveis a respeito de outras coisas, desejam ainda correr o risco?

Entre muitos não se trata de um vício sério, do qual não se possam libertar. Para a maioria é uma questão de elegância, de estar de acordo com o ambiente, de ser "um deles", ou de se manter no nível das pessoas distintas do "Tenis Club", por exemplo.

É de fato lamentável que tantas pessoas prefiram ser aquilo que acham popular, mesmo com prejuízo de seu próprio bem-estar.

É estranho, em verdade, que tantos arrisquem a saúde e a vida, sem mencionar o sentimento dos que lhes são caros, exclusivamente para manter determinada atitude numa certa roda ou grupo.

Traduzido por José Roberto Veiga



Devolver a
A LIAHONA

Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO